



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE MÚSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MÚSICA EM CONTEXTO

THIAGO VIEIRA SILVA

**EFEITOS DA PRÁTICA DA MATRIZ DJUNKER NO APRIMORAMENTO DA
TÉCNICA GESTUAL DE REGENTES ATUANTES EM BRASÍLIA.**

Brasília

2018

THIAGO VIEIRA SILVA

**EFEITOS DA PRÁTICA DA MATRIZ DJUNKER NO APRIMORAMENTO DA
TÉCNICA GESTUAL DE REGENTES ATUANTES EM BRASÍLIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Música em Contexto do Departamento de Música, Instituto de Artes da Universidade de Brasília para obtenção do grau de Mestre em Música.

Linha de Pesquisa A: Processos e produtos na criação e interpretação musical.

Orientador: Prof. Dr. David Bretanha Junker

BRASÍLIA

2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

ST422e Silva, Thiago Vieira
Efeitos da prática da Matriz DJunker no aprimoramento da
técnica gestual de regentes atuantes em Brasília / Thiago
Vieira Silva; orientador David Bretanha Junker. -- Brasília,
2018.
83 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Música) --
Universidade de Brasília, 2018.

1. Regência. 2. Técnica gestual. 3. Método. 4. Matriz
DJunker. I. Junker, David Bretanha, orient. II. Título.



UnB

Universidade de Brasília

Departamento de Música

Programa de Pós-Graduação Música em Contexto

Dissertação intitulada “Efeitos da prática da matriz DJunker no aprimoramento da técnica gestual de regentes atuantes em Brasília”, de autoria de Thiago Vieira Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. David Bretanha Junker

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Flávio Santos Pereira

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Ângelo Dias

Universidade Federal de Goiás

Data de aprovação: Brasília, 30 de Julho de 2018

DEDICATÓRIA

À minha esposa Analice, o grande amor da minha vida, minha melhor parte.

À minha filha Lara, que chegou a este mundo às vésperas da conclusão deste trabalho e me apresentou um outro amor, até então desconhecido.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu Senhor, o criador da música. À minha esposa Analice, companheira de todas as horas que abriu mão de muito para que eu pudesse seguir adiante com este mestrado. Aos meu pais Luiz Antônio e Ronilda, meu irmão Marcus, meus sogros Álvaro e Cristina, e demais parentes que sempre me incentivaram a continuar e não desistir. Ao meu orientador, mestre, professor e amigo, que me inspirou a seguir carreira na regência, a quem eu admiro profundamente não apenas como o incrível maestro que é, mas também como pessoa, David Junker. À Igreja Batista do Lago Norte, na pessoa do pastor Hércio Fonseca, meu pastor e amigo, por me apoiar irrestritamente nessa empreitada. Aos amigos queridos que são meu suporte, incentivo, e motivação para seguir em frente.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa concentra-se em observar os efeitos da prática do método Matriz DJunker no aprimoramento da técnica gestual de regentes atuantes em Brasília, afim de que seja compreendida a sua utilidade como ferramenta de aprimoramento desta técnica. A Matriz DJunker, por definição do próprio autor, é um tratado de exercícios gestuais baseado em um sistema inspirado nas matrizes matemáticas, que foi criada com o objetivo de desenvolver uma técnica de estudo para aprimoramento do gestual do regente, tendo em vista a grande escassez de métodos com exercícios sistematizados voltados para o desenvolvimento de elementos da técnica gestual. A pesquisa, de caráter qualitativo, teve como objeto de estudo seis (6) regentes escolhidos por serem maestros e maestrinas atuantes em diferentes áreas do cenário musical da cidade de Brasília e que, em algum momento de sua carreira, estudaram a técnica gestual através do referido método. Os resultados demonstraram que a Matriz DJunker mostrou-se ser uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento da técnica gestual dos regentes entrevistados e seus efeitos foram ao encontro do que se busca na técnica gestual em regência, de acordo com os autores citados neste trabalho. Os entrevistados consideram válido o estudo da técnica gestual através do método, afirmando que a Matriz contribuiu para o aprimoramento de áreas fundamentais para a técnica gestual como: clareza na comunicação gestual; independência de movimentos entre os dois braços; manutenção rítmica dos padrões na mão direita; manutenção da concentração e foco.

Palavras-chave: Regência, técnica gestual, método, Matriz DJunker.

ABSTRACT

The objective of this research is to observe the effects of the practice of the Matriz DJunker method in the improvement of the gestural technique of conductors in Brasília, in order to understand its utility as a tool to improve this technique. The Matriz DJunker, by the author's own definition, is a treatise of gestural exercises based on a system inspired by mathematical matrices, that was created with the objective to develop a study technique that improves the conductor's gesture, in view of the great shortage of methods with systematized exercises aimed at the development of gestural techniques. This qualitative research was carried out with the purpose to analyze six (6) conductors chosen for being working on different areas of the musical cenario of the city of Brasília and who, at some point in their career, studied the gestural technique through this method. The results showed that the Matriz DJunker was shown to be an effective tool for the development of their gestural technique and its effects in agreement with what is sought in gestural technique in conducting, according to the authors referred in this study. The interviewees consider valid the study of the gestural technique through the method, stating that the Matriz contributed to the improvement of fundamental areas for the gestural technique such as: clarity in the gestual communication; independence of movement between the two arms; rhythmic maintenance of the patterns in the right hand; concentration, maintenance and focus.

Keywords: Conducting, gestural technique, method, Matriz DJunker.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	p.1
1.1. Necessidade do estudo.....	p.1
1.2. Memorial.....	p.3
1.3. Propósito desse estudo.....	p.4
2. REVISÃO DE LITERATURA E REFERENCIAL TEÓRICO.....	p.4
2.1. Definições, conceitos e histórico da regência.....	p.4
2.2. A técnica gestual do regente.....	p.6
2.3. Conceito de método e sua utilização como ferramenta de estudo na regência.....	p.10
3. A MATRIZ DJUNKER.....	p.12
3.1. Origem.....	p.12
3.2. Definição do Método.....	p.13
4. A PESQUISA.....	p.17
4.1. Pesquisa bibliográfica sobre técnica gestual.....	p.19
4.2. Elaboração das perguntas a serem usadas durante a entrevista...p.19	
4.3. Entrevista gravada com os regentes envolvidos na pesquisa.....	p.20
4.4. A utilização da Matriz DJunker por regentes em Brasília – Descrição da pesquisa.....	p.21
4.5. Efeitos da pratica da Matriz DJunker no aprimoramento da técnica gestual de regentes atuantes em Brasília.....	p.40
5. CONCLUSÃO.....	p.46
6. REFERÊNCIAS.....	p.49
7. ANEXOS.....	p.51

1. INTRODUÇÃO

1.1. *Necessidade do estudo.*

A figura do regente como interprete e condutor de determinado grupo musical pôde ser observada sob diversos olhares no decorrer de estudos, pesquisas, como também no desenvolvimento deste trabalho. Alguns autores ressaltam aspectos mais filosóficos, como por exemplo a figura do regente como líder, como inspirador, como incentivador, como encorajador; outros ressaltam características mais pragmáticas acerca da função prática do maestro.

Brock McElheran é afirmativo ao dizer que “o requisito mais importante para um regente é a sua capacidade de inspirar os artistas”¹ (McELHERAN, 2004, p. 3, tradução nossa). Já Scherchen (1989) afirma que existem três propósitos distintos na regência. O primeiro é apresentar o curso métrico da música. O segundo, indicar suas características expressivas e estruturais. E o terceiro consiste em verdadeiramente guiar a orquestra, evitando erros e corrigindo flutuações ou desigualdades.

Para Demaree e Moses (1995), algumas qualidades definem o papel do regente. A habilidade de ser um excelente comunicador e trabalhar com as mãos, corpo, rosto, e mente afim de mostrar aos músicos aquilo que se acredita ser a essência da musica a ser tocada. A habilidade de ser um excelente ouvinte, tendo a responsabilidade de ouvir e avaliar tudo que seus músicos produzem, tanto nos pequenos detalhes como no todo de uma obra.

Ainda, segundo os autores acima citados, o regente também tem a responsabilidade de persuadir, pois não se trata de impor a sua autoridade à força como muitos acreditam. Trata-se de perceber que, quanto mais criativos e talentosos os músicos forem, maior será a quantidade de opiniões acerca das escolhas interpretativas, e é responsabilidade do regente harmonizar as variadas opiniões artísticas.

Além desses papéis, os autores citam outros como o de executivo, administrador, educador musical, especialista em relações publicas, como também possuir a habilidade de saber ‘vender’ seus programas musicais.

¹ The most important requirement in a conductor is the ability to inspire the performers.

Este trabalho segue numa perspectiva mais pragmática acerca da função do regente ao conduzir um grupo musical durante a performance. Discorre primariamente dentro do campo da técnica gestual.

Grande parte do interesse em investigar esse assunto veio através da busca por métodos de regência e da grande dificuldade em encontrar alguma publicação que, além dos fundamentos, também ofereça um norte ou 'caminho' para alcançá-los.

Brandao (2011), fala sobre essa problemática em seu trabalho ao avaliar os métodos, tratados e livros de regência orquestral. O autor argumenta que aparentemente não existe uma metodologia estabelecida para se ensinar regência. Para ele, as práticas atuais indicam dois estilos de ensino do ofício; 1) uma abordagem de aprendiz, onde o conhecimento é passado de mestre para discípulo e onde a maioria do conhecimento se origina de uma longa e estabelecida tradição da repetição de técnicas e conceitos que são, algumas vezes, capazes de produzir resultados com sucesso; 2) uma prática de ensino individual derivada de experiências pessoais.

De acordo com este mesmo autor, o atual estado da disciplina (Regência) mostra uma abundância de tradições convencionais e técnicas que são aceitas sem questionamento, mas uma escassez de ideias e caminhos que irão desenvolver as habilidades essenciais para se produzir um regente eficiente.

Inicialmente, buscou-se um recorte com foco na técnica gestual do regente e o impacto dessa comunicação não-verbal na prática musical. Alguns questionamentos iniciais foram feitos acerca de seu papel à frente de uma orquestra, um coro ou qualquer outro grupo musical. O que significa reger? O que significam os gestos feitos pelo regente? Como é possível que ele se faça entendido através desses gestos?

À medida que foram aparecendo respostas para tais questões na literatura disponível, outras perguntas mais específicas surgiram. O que significa uma boa técnica gestual? Como fazer para dominar a técnica gestual? Qual a função dos diferentes membros do corpo, tais como mãos e braços, durante a regência? Como desenvolver esses movimentos de forma a deixá-los claros e precisos afim de estabelecer uma comunicação eficiente?

Tais perguntas levaram à observação e análise do método de estudo conhecido como Matriz DJunker. Este método propõe uma série de ações e exercícios que pretendem auxiliar no desenvolvimento da técnica gestual.

Assim, ao estudar o método Matriz DJunker, e observar os exercícios e resultados que ela propõe, o recorte dessa pesquisa foi aprofundado mais uma vez buscando responder uma questão central. Quais são os efeitos da prática da Matriz DJunker no aprimoramento da técnica gestual do regente?

1.2. Memorial

É preocupação dos regentes, durante o ato de reger, fazer-se entendido pelos que estão sob sua regência. A busca pelo aperfeiçoamento do gestual não se encerra no fim da graduação (para aqueles que, como este pesquisador, buscaram formação superior na área), mas se torna uma constante na vida do regente e, de alguma forma, é sempre reanalisada a cada peça executada, pois disso depende, em grande parte, o seu fazer musical.

Dessa forma, este pesquisador também se encontra nesse caminho de busca desde que começou a atuar como regente e pianista correpetidor há 14 anos atrás. De lá para cá, na busca por se tornar um profissional da música, estudou piano erudito na Escola SESI de Música em Palmas-TO e, após isso, estudou piano na Fundação Cultural de Palmas onde também foi selecionado, através de uma bolsa de estudos, para atuar como pianista correpetidor do Coral Municipal de Palmas.

Durante esse tempo, o estudo da regência acontecia de forma empírica com algumas aulas e dicas de amigos maestros, eventualmente. Em 2008 ingressou na graduação em Educação Artística – Habilitação em Música pela Universidade de Brasília, onde pela primeira vez houve o contato com o ensino formal de regência e também com o método de estudo Matriz DJunker. Ao terminar a licenciatura, ainda no anseio de buscar mais conhecimento no campo da regência, ingressou novamente na Universidade de Brasília no curso de Bacharel em Regência.

A este ponto, toda sua carreira musical já estava voltada para a regência atuando na cidade de Brasília como regente, regente assistente, pianista e ensaiador de naipe. Nesse contexto, a Matriz DJunker sempre foi um recurso utilizado para superação de desafios e aprimoramento da técnica gestual.

Assim, os assuntos tratados neste trabalho fazem parte do cotidiano musical ao qual o autor está inserido, e a busca por este tema de pesquisa foi uma resposta natural às questões práticas acerca da atuação de um maestro, que permeiam não apenas o trabalho profissional deste regente, mas também grande parte dos colegas que atuam no campo da regência de um modo geral.

1.3. Propósito deste estudo

O objetivo desta pesquisa concentra-se em observar os efeitos da prática da Matriz DJunker no aprimoramento da técnica gestual de regentes atuantes em Brasília, afim de que seja compreendida sua utilidade como ferramenta de aprimoramento da técnica gestual.

A pesquisa, de caráter qualitativo, tem como objeto de estudo seis (6) regentes escolhidos por serem maestros atuantes em diferentes áreas do cenário musical da cidade. Mas que, em algum momento de sua carreira, estudaram a técnica gestual através do método Matriz DJunker.

Busca-se avaliar o referido método através dos relatos dos regentes entrevistados procurando saber qual o seu papel no aprimoramento das habilidades motoras, concentração e foco do regente, especificamente no que tange à técnica gestual.

O recorte geográfico em Brasília foi considerado pelo fato de o referido método ser aplicado principalmente na Universidade de Brasília. E também, da maior viabilidade de se trabalhar com todos os objetos de pesquisa em apenas uma cidade.

A ferramenta para coleta de dados escolhida foi a entrevista semiestruturada onde, através de uma entrevista gravada, os regentes puderam responder às questões expressando seu ponto de vista acerca do tema tratado.

2. REVISÃO DE LITERATURA E REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Definições, conceitos e histórico da regência

Não é propósito deste estudo trazer à tona o maior número de definições sobre o tema com o fim de limitá-lo. Ou, por outro lado, buscar os mais abrangentes

conceitos, por não ser esta obra um tratado sobre regência. Mas, achou-se necessário considerar aspectos que possam corroborar para uma definição clara do tema em questão. Estes conceitos visam mostrar o significado de regência a partir dos posicionamentos descritos abaixo.

De acordo com o *Oxford Dictionary of Music* (2004, pg.3, tradução nossa), regência é definido como

“a arte ou método de controlar um coro, uma banda, uma orquestra ou uma performance operística por meio de gestos, que envolvem marcação de tempo, assegurar entradas corretas, e o formato de fraseados individuais”².

Já para Raphael Baptista (1976, p.7), em seu livro *Tratado de Regência Aplicado à orquestra, à banda de música e ao coro*, afirma que “a regência é o ato de transmitir a um conjunto instrumental ou vocal, por meio de gestos convencionais, o conteúdo rítmico e expressivo de uma obra musical. “

Oscar Zander (2008) nos traz a origem do termo Regência que provém de *dirigo* (latim): dirigir, ordenar. Para o referido autor, no contexto musical, significa dirigir ou conduzir um grupo de executantes, músicos ou cantores, dentro de uma certa unidade musical, guiada pelos gestos das mãos, do corpo e, por expressões fisionômicas.

A regência, no formato como se conhece nos dias atuais, surgiu aproximadamente no começo do século 18, consolidando-se como a comunicação não verbal através de gestos entre o regente e conjunto; e tem por objetivo organizar a performance de determinado grupo. No entanto nem sempre foi assim. “Regência, em sua forma mais primitiva, nasceu como uma marcação de tempo audível, marcando o pulso e enfatizando o tempo forte batendo no chão ou em outra superfície.”³ (SPITZER; ZASLAW apud BRADAO, 2011, p.5).

De acordo com o Brandao (2011), é possível que esta pratica seja a origem dos batimentos fortes movendo-se em um movimento descendente, enquanto os movimentos ascendentes indicam batimentos fracos.

² The art or method of controlling a choir, a band, an orchestra, or an operatic performance by means of gestures, which involve the beating of time, ensuring correct entries, and the shaping of individual phrasing.

³ Conducting, in its earliest form, was born as an audible time beating, marking the pulse and emphasizing the downbeat, by stomping on the floor or another surface.

Até o começo do século 18, a ideia de regência como uma tarefa específica exercida por um profissional especializado não tinha ainda sido desenvolvida. No entanto, anteriormente a esse período, sempre houve a figura de um líder condutor (seja ele cantor ou instrumentista) que, em uma prática musical de grupo, era o responsável por marcar o tempo, as entradas conjuntas, e as finalizações afim de manter o grupo sincronizado e coeso.

Com o advento do período barroco musical, o aumento de elementos inseridos na música, sua complexidade e o desenvolvimento da polifonia, essa figura destacou-se ainda mais sendo chamada de diversos nomes dependendo do gênero musical ou de onde ele conduzia (*Spalla, Capellmeister, Dirigieren*), da formação instrumental (*instrumentalist-leader* ou *Singer timebeater*) e da região onde se encontrava.

Com o passar do tempo e o desenvolvimento da música ocidental, as marcações audíveis de tempo deixaram de ser usadas e foram substituídas por movimentos silenciosos. Dessa forma, depois de 1800 d.C. aproximadamente, a regência passou a ser uma ferramenta de comunicação não-verbal bastante aceita. Nesse momento, afim de estabelecer um código visual de comunicação de tempo, surgiram os padrões de regência, que futuramente foram definidos como técnica gestual do regente (BRANDAO, 2011).

No entanto, tal técnica não ficou resumida apenas a isso. Desde os primórdios da regência, outras tarefas também foram inseridas nos deveres do diretor musical tais como: dar entradas, cortes, conduzir fraseados e nuances, indicar dinâmica e agógica, até imprimir interpretações musicais pessoais (ZANDER, 2008).

2.2. A técnica gestual do Regente.

Demaree e Moses (1995) afirmam que, enquanto uma performance musical acontecer de forma individual, como por exemplo: através dos hinos corriqueiros de um ritual religioso; o canto de uma torcida organizada; de um grupo informal; ou mesmo dentro do gênero 'música de câmara' como os quartetos de cordas, não há a necessidade de um regente.

No entanto, nas palavras dos próprios autores:

“ É quando há a necessidade de alguém para atribuir tarefas específicas a membros individuais do grupo, para unificar a variedade de conceitos presentes, para elevar, através de julgamentos sensíveis, o impacto artístico e dramático da música, e (especialmente) para gerenciar, através de sinais, a coordenação desses valores no momento da performance, é que emerge uma figura central - a pessoa que passamos a chamar de regente. “
(DEMAREE e MOSES, 1995, pg. 3, tradução nossa)⁴

A arte da regência é governada pelo fato de que o instrumento do maestro é um organismo vivo composto por vários instrumentistas com diferentes funções e tarefas a desempenhar. O papel do maestro é fazer esse complexo organismo servir à arte da música (Scherchen, 1989).

Para realizar essa gerência por meio de sinais mencionado pelos autores acima, o regente precisa ter uma boa postura e desenvolver um vocabulário de gestos e sinais afim de se comunicar com o grupo ao qual está liderando (JORDAN, 2011). Somado a isso, o regente precisa procurar aperfeiçoar, cada vez mais, sua capacidade de concentração, tanto no gestual que irá realizar como na interpretação que pretende passar (ZANDER, 2008).

Durante o processo de pesquisa e levantamento bibliográfico para este trabalho, constatou-se uma grande escassez de métodos de estudo similares à matriz DJunker, ou seja, um sistema de estudos que vise chegar, como um ‘caminho’, ao fim que se propõe de desenvolver os elementos da técnica gestual na regência. Mas, existem vários estudos e tratados sobre regência que ressaltam a importância que o regente deve dar ao gestual, como também à necessidade que existe, para o maestro, em buscar desenvolver uma comunicação eficiente, clara e precisa.

Segundo Scherchen (1989), a clareza no gestual deve ser buscada afim de se atingir um nível onde não há mais ambiguidade no sentido dos gestos e se exclua todas as possibilidades de dúvidas.

“Mesmo que as partituras orquestrais não tivessem indicações, os gestos do regente deveriam tornar fácil e convincentemente claros todos os pontos de dinâmica, ritmo, qualidade e grau de expressão

⁴ It is when someone is needed to assign specific duties to single members of the group, to unify the variety of concepts present, to heighten by sensitive judgments the artistic and dramatic impact of the music, and (especially) to manage by signal the coordination of these values in the moment of performance that a central figure - the person we have come to call "the conductor"- emerges.

em todos os momentos da música. “ (SCHERCHEN, 1989, pg. 188, tradução nossa.)⁵

Ainda, Scherchen (1989) é afirmativo ao definir que o ato de reger deve acontecer unicamente através de gestos durante a execução de uma peça musical. Tais gestos devem indicar perfeitamente o curso métrico da obra e, ao mesmo tempo, deve transmitir de maneira inequívoca as variadas expressões e o formato geral da obra. No entanto, o requisito mais importante é que o quadro métrico permaneça o mesmo e igualmente claro, seja nos movimentos grandes ou pequenos, lentos ou rápidos, veementes ou tenros.

Para o autor, mostrar o curso métrico da música é a base da regência. Todavia, os gestos que são utilizados para isso devem também indicar características expressivas e estruturais assim como auxiliar na prevenção de erros e desigualdades.

Observando esse assunto por um outro olhar, Raphael Batista (1979) alerta sobre o risco que uma regência imprecisa pode causar.

“A técnica de gesticulação está sujeita ao temperamento artístico do regente e à interpretação que cada um deles entende de transmitir ao conjunto. Todavia, nem sempre as normas de conduta do regente são necessariamente claras e precisas. Referimo-nos, aqui, a determinados gestos que causam uma execução falha e imprecisa e muitas vezes imperceptível ao público em geral, mas sentida e condenada pelos músicos do conjunto. (RAPHAEL BAPTISTA, 1976, pg. 8)

O propósito por trás de todo ato físico do regente durante a performance deve ser o de estabelecer uma comunicação eficiente e, tudo aquilo que diminui ou atrapalha essa comunicação clara, é considerado falha (DEMAREE e MOSES, 1995). Regentes competentes são comunicadores corporais avançados. Utilizam-se com propriedade as diferentes partes do corpo para transmitir a mensagem pretendida. Assim, quando se fala das dificuldades da técnica gestual na regência, o principal problema enfrentado por regentes, está exatamente no mau uso das mãos e braços através da utilização de padrões de compassos confusos, como também o

⁵ Even if the orchestral parts were devoid of indications the conductor's gestures should make easily and compellingly clear all points of dynamics, pace, quality, and degree of expression at every moment of the music.

emprego de gestos desnecessários e a falta de clareza das funções da mão direita e mão esquerda (JUNKER, 2013).

Na literatura poderão ser encontrados argumentos que defendem a diferença entre a função dos membros superiores direito e esquerdo na regência.

O braço direito trabalha o gestual de condução, sendo responsável pela manutenção e alteração do pulso na música (ZANDER, 2008). Junker (2013) também defende, corroborado por Demaree e Moses (1995), Cartolano (1986), Decker e Kirk (1995), e outros, que a função principal da mão direita é de manter o pulso e o andamento, tornando-se a 'mola propulsora', do realizar musical. Demaree e Moses (1995) vão mais além ao afirmar que a mão direita é a nossa primeira preocupação, por sua atividade disciplinadora que é primária em regência.

Para a mão esquerda está a função de realizar os movimentos que dizem respeito à expressividade musical e variação de outros elementos musicais como nuances, articulação dinâmica e agógica, (ZANDER, 2008). Ou seja, trabalhar com a expressão musical ou, ainda, "responsável pela pintura musical" (JUNKER, 2013).

O movimento uniforme dos dois braços aplicado com insistência deve ser evitado por ser de caráter monótono e inexpressivo. E, para isso, o exercício racional e metódico tem a capacidade de libertar o regente dessa pratica uniforme além de livrá-lo de muitos outros inconvenientes. (Raphael Batista, 1979)

"Os gestos com movimentos uniformes de ambos os braços, devem ser dissociados, conservando-se para um dos braços as acentuações rítmicas e para o outro o colorido daquilo que o primeiro descreve ritmicamente." (Raphael Batista, 1979, pag.9)

O autor ainda acrescenta que o regente deve disciplinar os movimentos dos braços com exercícios específicos e metódicos até atingir o automatismo.

Nesse mesmo contexto, vários outros renomados autores do campo da regência no Brasil como também no exterior tais como: Zander (2008); Scherchen (1989); Jordan (2011); McElheran (2004); Demaree e Moses (1995); defendem a automatização dos movimentos do regente afim de dar mais liberdade interpretativa, aumentar vocabulário gestual, aprimorar a comunicação não verbal, adquirir maior habilidade na tarefa de passar suas intenções musicais através dos gestos.

Assim como qualquer outro tipo de atividade corporal complexa, os movimentos inseridos no elaborado gestual feito pelo regente podem ser isolados, examinados, estudados separadamente e ajustados um a um. A eficiência e a eficácia podem ser

aprimoradas com trabalho nos detalhados aspectos físicos dessa disciplina (DEMAREE e MOSES, 1995).

Segundo estes mesmos autores, os regentes devem ser capazes de imediatamente traduzir intenções em ações milhares de vezes por hora. Essa tarefa exige disciplina e coordenação corporal. Para isso, também recomendam que os regentes tenham um programa de exercícios regulares afim de adquirir e manter esse condicionamento.

“Você pode querer adotar um programa de exercícios regulares, se você não tiver já. No mínimo, esteja constantemente ciente de que o que você está fazendo como um regente é substancialmente de caráter físico, desde o movimento do pulso em um corte até o modo como você está no palco.” (DEMAREE e MOSES, 1995, pg. 13, tradução nossa.)⁶

O intuito desse trabalho caminha nesta mesma perspectiva e visa observar os efeitos práticos de um método de estudo que se propõe como uma ferramenta para o aprimoramento da técnica gestual do regente.

O referido método, Matriz DJunker, segue alinhado aos pensamentos expostos acima propondo uma serie de exercício com variados níveis de dificuldades, estimulando o desenvolvimento do gestual, a precisão na execução dos padrões, a independência das mãos e braços, assim como o estabelecimento de uma boa postura e desenvolvimento do foco e concentração do regente. (Matriz DJunker-Tratado Teórico-Prático Sobre Técnica Gestual De Regência, David Junker, Brasília, produzido por Pennington produções audiovisuais LTDA, 2014, 118 minutos, DVD).

2.3. Conceito de método e sua utilização como ferramenta de estudo na regência.

Nesse tópico serão expostos alguns dos diversos significados da palavra “método”. Busca-se, dessa forma, construir um conceito que melhor se adeque ao tema de pesquisa tratado neste trabalho, levando-se em consideração aspectos pragmáticos do aprendizado cognitivo e motor assim como sua relação com a técnica gestual.

⁶ You may want to adopt a regular exercise program, if you do not have on already. At the very least, be aware constantly that what you are doing as a conductor is substantially physical in character, from the wrist motion in a cutoff to the way you stand on stage.

De acordo com Campos, citado por Mora

“Método - significa literalmente a maneira de seguir um 'caminho', percurso, isto é, investigação, mas investigação com um plano fixado e com regras determinadas e aptas para conduzir ao fim proposto. O método se contrapõe assim à sorte e supõe-se, desde logo, que há uma ordenação no objeto a que se aplica e ainda, como no caso da ciência moderna, uma ordenação matemática. “(MORA, 1985 apud CAMPOS, 2000, p. 174).

Já de acordo com Choksy et al. (2001, pg.2, tradução nossa) o conceito de método definido para os propósitos de seu livro *Teaching Music in the Twenty-First Century* tem uma definição que se restringe às abordagens de ensino que tenham

“(1) uma filosofia subjacente identificável (em outras palavras, um conjunto específico de princípios); (2) um corpo unificado de pedagogia exclusiva para ele (um conjunto de práticas bem definidas); (3) metas e objetivos dignos de serem alcançados; (4) e integridade (sua razão de ser ou existir não deve ser comercial.”⁷

No campo da música, de acordo com Reyes e Garbosa (2010), o conceito de método pode ser utilizado tanto como um caminho para se atingir objetivos, como também um objeto físico imbuído de materialidade. No primeiro caso, relaciona-se a ações pedagógicas organizadas e no segundo caso, caracteriza-se como o livro didático destinado ao ensino do instrumento.

Nessa perspectiva, é comum livros didáticos utilizados no ensino de instrumentos ou na musicalização infantil, serem designados como métodos, normalmente intitulados pelos nomes de seus autores (REYES e GARBOSA, 2010).

Para este presente trabalho não há a intenção de adentrar na discussão em busca da definição exata do termo, uma vez que o fenômeno estudado (efeitos do estudo da técnica gestual através da Matriz DJunker) independe dessa discussão. Busca-se aqui o conceito convergente entre os autores citados acima: o método como uma ferramenta que tem por função indicar os passos ou caminhos para se atingir os objetivos traçados.

Nesta concepção pode-se considerar que, em termos pragmáticos, um método de estudo musical possui características tais como: 1) buscar otimizar o

⁷ (1) an identifiable underlying philosophy (in other words, a specific set of principles); (2) a unified body of pedagogy unique to it (a body of well-defined practice); (3) goals and objectives worthy of pursuit; and (4) integrity (it raison d'être must not be commercial).

tempo do estudante em assimilar determinada competência almejada através de exercícios graduais de dificuldade; 2) oferecer recursos para solução de prováveis problemas técnicos que apresentam-se no processo; 3) evitar as repetições despropositadas; 4) fomentar o foco de atenção para com determinada área de atuação; 5) facilitar a busca de saídas para resolução de problemas complexos principalmente na área de conhecimento motor.

No estudo da técnica gestual na regência, faz-se necessário a aquisição de algumas habilidades mecânicas indispensáveis para a realização da atividade, que dentre as quais destacam-se: a independência de movimentos entre os dois braços; a manutenção rítmica dos padrões na mão direita; a capacidade de realizar movimentos independentes com a mão esquerda para indicar entradas, cortes, dinâmicas, acentos ou qualquer outro tipo de ação contida na interpretação musical do regente. Aliado a isso há, também, a necessidade de desenvolver a capacidade de concentração e manutenção do foco durante a performance musical.

É de notório saber que, normalmente, tais habilidades não são naturalmente adquiridas e se assim o fossem, poderiam demorar muito tempo até atingir-se um satisfatório nível de domínio. Dessa forma, um método de regência teria como propósito ser uma ferramenta facilitadora, e até mesmo catalizadora, desse processo.

3. A MATRIZ DJUNKER

Este capítulo discorrerá acerca do que se trata a Matriz DJunker. Como surgiu e como é aplicada. Todas as informações foram retiradas do DVD “Matriz DJunker – Tratado Teórico-Prático Sobre Técnica Gestual De Regência” lançado em 2014, logo após o livro “Panoramas da Regência Coral – Técnica e Estética”, ambos de autoria do maestro David Bretanha Junker.

3.1. Origem

A Matriz DJunker, por definição do próprio autor, é um tratado de exercícios gestuais baseado em um sistema inspirado nas matrizes matemáticas. Foi criada com o objetivo de desenvolver uma técnica de estudo para aprimoramento do gestual, ligado ao desenvolvimento do foco e concentração de regentes. Foi

idealizada e desenvolvida pelo Prof. Dr. David Bretanha Junker durante os 27 anos de atuação como professor de regência na Universidade de Brasília, como alternativa didática tendo em vista a grande escassez de métodos com exercícios sistematizados voltados para o desenvolvimento da técnica gestual na regência.

Desde então, esse método vem sendo utilizado não apenas pelos alunos que estudam a disciplina Regência na UnB, como também tem se espalhado para outras regiões do Brasil, Argentina, Estados Unidos e Suécia como uma ferramenta para o estudo e aperfeiçoamento da técnica gestual.

A ideia inicial da Matriz começou a ser desenvolvida a partir de uma experiência do maestro David Junker como assistente e tradutor do maestro sueco Eric Ericson, por ocasião do curso de verão da Escola de Música de Brasília, em janeiro de 1990. O referido professor apresentou um simples exercício de entradas, aos alunos, através do compasso quaternário, que foi, posteriormente, denominado de 'ciclo'.

A partir daí, o método foi evoluindo e tomando forma com o passar dos anos de acordo com as dificuldades encontradas pelo maestro ao lecionar para alunos de regência. Bem como ao ministrar a outros regentes, através da participação em simpósios e seminários do assunto e, também, nas dificuldades encontradas em si próprio acerca da técnica gestual.

3.2. Definição do Método

A prática da Matriz DJunker começa com exercícios simples de domínio dos padrões binários, ternários e quaternários na mão direita. O praticante deve executar estes padrões em frente a um espelho repetindo-os sequencialmente diversas vezes com o objetivo de torná-los orgânicos ao corpo, além de claros e precisos para quem o vê. (Aqui está a justificativa para o uso do espelho, que proporciona ao praticante a possibilidade da autocrítica acerca dos movimentos enquanto realiza os exercícios). Para o autor, a clareza e a definição dos padrões acontece quando os mesmos são executados de forma uniforme e constante. Tornando-se assim orgânicos e de realização natural na prática do gestual.

Após essa etapa, o praticante deve executar o padrão quaternário cinco (5) vezes com o braço direito, representando cinco (5) compassos; enquanto isso, o braço esquerdo deve executar, em cada uma das vezes, um sinal de entrada nos diferentes tempos do compasso, ordenadamente de um (1) a quatro (4), até chegar na quinta repetição onde não será dado nenhum sinal, ficando este último compasso

reservado para o 'descanso' da mão esquerda, além de preparar o praticante para o início imediato de mais uma repetição do exercício. Cada repetição, como dito anteriormente, recebe o nome de 'ciclo'.

Este exercício deve ser realizado com todos os outros padrões existentes. As repetições dos padrões de compasso realizados pela mão direita devem acontecer uma (1) vez a mais do que a quantidade de tempos do padrão escolhido. Por exemplo: se for praticado com o padrão ternário, o padrão deve ser repetido quatro (4) vezes, três (3) vezes para que se dê o sinal de entrada com a mão esquerda em cada tempo do compasso sucessivamente, e uma (1) vez para descanso e preparação para a repetição do ciclo; se for praticado no padrão binário, o padrão deve ser repetido três (3) vezes, duas (2) vezes para que se dê o sinal de entrada com a mão esquerda em cada tempo do compasso sucessivamente, e uma (1) vez para descanso e preparação para a repetição do ciclo. Essas regras também valem para, mais à frente, realizar este mesmo exercício com os compassos compostos e cada uma de suas variações.

Após o domínio dos exercícios de ciclos realizados sempre em um mesmo tipo de compassos regular previamente determinado (binário, ternário ou quaternário) conforme apresentado acima, o praticante deverá agora; excluir o compasso extra de descanso, e executar o ciclo em uma sequência alternada de padrões misturando os compassos binários, ternários e quaternários em um mesmo ciclo. Ou seja, além de precisar alternar os compassos com a mão direita, precisará dar continuidade ao ciclo de entradas com a mão esquerda.

Para exemplificar, observe a figura abaixo:

3	2	4	4	3	2	4	4	3	2
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Os números colocados em ordem aleatória são os padrões de compasso que deverão ser executados pela mão direita. Tal execução deve ocorrer de forma ininterrupta, sequencial e uniforme observando sempre o mesmo andamento.

Com a mão esquerda, o praticante deve executar o ciclo de entradas. Assim, para determinar o tamanho do ciclo de entradas, usa-se o maior compasso do exercício como referência. Nesse caso, o maior compasso é o quaternário, portanto o ciclo de entradas encerra quando o praticante der entrada no quarto tempo

durante a execução do exercício. No primeiro compasso (ternário), o sinal de entrada deverá ser executado no tempo um (1) do compasso. No segundo compasso (binário), o sinal de entrada deverá ser executado no tempo dois (2) do compasso. No terceiro compasso (quaternário), o sinal de entrada deverá ser executado no tempo três (3) do compasso. No quarto compasso (quaternário novamente), o sinal de entrada deverá ser executado no tempo quatro (4) do compasso. Encerra-se aqui o ciclo de entradas e, no quinto compasso (ternário), já inicia-se o próximo ciclo com a execução do sinal de entrada no tempo um (1). E assim segue-se adiante.

Um dos grandes desafios deste exercício aparece quando o número do compasso é menor que o número do sinal de entrada que a mão esquerda precisa realizar. Quando isso ocorre, a sequência natural do ciclo é “interrompida”. O praticante deve dar a entrada no último tempo desse compasso menor e continuar o exercício repetindo este ato até encontrar um compasso que permita a execução do sinal de entrada no tempo correto do compasso, permitindo assim a retomada e continuação do ciclo.

Para exemplificar, observe a figura abaixo:

2	3	3	4	4	3	3	3	2	4	2
---	---	---	---	---	---	---	----------	---	----------	---

Lendo da esquerda para a direita, observa-se que é possível executar o exercício até o final do primeiro ciclo no quarto compasso, sem nenhuma intercorrência. No entanto, durante a execução do segundo ciclo, observa-se que, no oitavo compasso, dever-se-ia dar o sinal de entrada no quarto tempo do compasso, porém, o compasso que está indicado é ternário. Aqui, o praticante deverá realizar o sinal de entrada no último tempo do compasso escrito (neste caso, o terceiro tempo) e seguir o exercício, tendo o ciclo suspenso. O próximo compasso também não permite a realização do sinal de entrada no quarto tempo pois se trata de um compasso binário. Assim, mais uma vez o praticante deverá realizar o sinal de entrada no último tempo do compasso escrito (neste caso, o segundo tempo) e seguir o exercício com o ciclo suspenso, que somente poderá voltar quando houver um compasso quaternário. Isto ocorre apenas no décimo compasso. O praticante, então, conseguirá concluir a execução do segundo ciclo de entradas e continuar o

exercício partindo, sem interrupções e sem o compasso de descanso, para o início do próximo ciclo no compasso seguinte.

Por fim, o praticante receberá uma tabela de números dispostos em 10 linhas e 10 colunas como esta abaixo.

MATRIZ DJUNKER									
2	3	4	4	4	4	3	3	2	2
4	4	4	3	3	3	2	4	4	4
4	3	2	3	4	4	3	3	3	2
3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
2	3	4	2	3	4	2	3	4	2
4	3	2	4	3	2	4	3	2	4
3	4	2	4	3	2	4	3	4	2
4	4	4	4	3	3	3	2	2	4

Cada número desta tabela representa um compasso e seu respectivo padrão a ser executado. Assim, o praticante deve iniciar o exercício dos ciclos de entrada segundo a tabela da esquerda para a direita, de cima para baixo, a partir do canto superior esquerdo. Porém, afim de tornar o exercício mais rico e também evitar a memorização dos movimentos e a execução automática, através dessa tabela, o praticante tem a possibilidade de executar o exercício lendo-a em qualquer direção possível, a partir dos outros três cantos da tabela. Seja da direita para a esquerda, em colunas descendentes, em colunas ascendentes, nas linhas transversais ou até mesmo em forma de 'caracol'. Dessa forma, cada exercício realizado terá sempre o

caráter de um novo exercício, proporcionando ao executante uma prática consciente de leitura, interpretação e execução desta complexa atividade.

Depois de vencida esta primeira etapa no contexto da Matriz, com linhas e colunas, executada apenas em compassos regulares, o praticante deverá retornar aos exercícios iniciais, para uma segunda etapa, agora executando-os com os padrões dos compassos compostos de cinco (5), seis (6), e uma terceira etapa com compassos a sete (7), e oito (8) (quaternário subdividido). Deve-se levar em consideração as variações existentes no padrão do compasso quinário (3 + 2, e 2+3) e as três (3) variações existentes no compasso de sete (3+2+2; 2+3+2; 2+2+3). Assim, durante a execução, o praticante deve alternar as variações dos padrões de cinco (5) e sete (7) utilizados entre os ciclos do exercício.

Por fim, o praticante deve utilizar uma nova tabela contendo todos os padrões de compasso, regulares e irregulares, do binário até o compasso de oito (8), (ou quatro subdividido) e executar os ciclos de entradas observando todos os aspectos e direções descritos.

Os modelos de exercícios apresentados na Matriz devem ser executados primeiramente com sinais de entradas, até as fases se completarem nos compassos de (8) (quaternário subdividido). Posteriormente, os mesmos exercícios deverão ser executados para 'cortes', sinais de 'crescendo e decrescendo', diminuendos e demais sinais expressivos desejados pelo praticante'.

Segundo o autor, este exercício foi batizado com o nome "Matriz" pela semelhança visual que esta tabela tem com as matrizes matemáticas.

A Matriz DJunker foi descrita aqui de forma resumida com o objetivo de informar do que se trata e como funciona o método. Outras informações complementares e maiores detalhes estão disponíveis no referido DVD utilizado como fonte para elaboração deste capítulo.

4. A PESQUISA

A presente pesquisa é de caráter qualitativo e tem como objeto de estudo seis (6) regentes atuantes em Brasília que, em algum momento de suas carreiras, estudaram a técnica gestual através do método Matriz DJunker. Busca-se saber qual o papel do referido método, no aprimoramento das habilidades motoras do regente,

especificamente no que tange à técnica gestual. O recorte geográfico em Brasília foi considerado pelo fato de o referido método ser aplicado principalmente na Universidade de Brasília. E também, da maior viabilidade de se trabalhar com todos os objetos de pesquisa em apenas uma cidade.

Godoy (1995) explicita algumas características que considera principais para uma pesquisa qualitativa, as quais também embasam este trabalho. O autor considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; tal pesquisa possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados é realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requer o uso de técnicas e métodos estatísticos; e, por fim, tem como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados.

Ainda de acordo com este autor, a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem se utiliza de instrumental estatístico na análise dos dados coletados. Envolve, no entanto, a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com o objeto de estudo, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995).

Nessa modalidade de pesquisa, os dados coletados aparecem sob a forma de transcrições de entrevistas, anotações de campo, fotografias, vídeos, desenhos e outros tipos de documentos.

Visando à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, o proposto modelo considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. Para tanto, a principal ferramenta escolhida com o objetivo de organizar os dados coletados neste trabalho foi a entrevista semiestruturada.

Foi elaborado um questionário contendo perguntas relativas ao tema buscando compreender o fenômeno a partir da perspectiva dos regentes entrevistados. Os dados coletados através de gravação foram transcritos, analisados, comparados entre si e também com a literatura escrita sobre o tema estudado.

Essa pesquisa foi desenvolvida nas seguintes etapas.

- Pesquisa bibliográfica com o intuito de verificar quem já escreveu e o que já foi publicado sobre o assunto - técnica gestual.
- Elaboração das perguntas a serem usadas durante a entrevista.

- Entrevista gravada com os seis (6) regentes envolvidos na pesquisa.
- Transcrição e descrição das entrevistas para posterior análise.
- Análise dos efeitos da prática da Matriz DJunker no aprimoramento da técnica gestual de regentes atuantes em Brasília através da comparação entre as respostas coletadas e possíveis correlações entre elas.

4.1. Pesquisa bibliográfica sobre técnica gestual

A pesquisa bibliográfica foi uma etapa fundamental, pois ofereceu elementos mais precisos acerca do que se busca ao estudar este assunto. Através dela, também foram levantados os temas centrais a serem abordados nas perguntas da entrevista. Seu detalhamento encontra-se descrito no capítulo dois (2) deste trabalho.

4.2. Elaboração das perguntas a serem usadas durante a entrevista

As questões da pesquisa foram elaboradas tendo como base os conceitos de técnica gestual levantados no referencial teórico expostos no capítulo dois deste trabalho.

As questões de número um (1), dois (2), cinco (5) e seis (6) foram elaboradas no intuito de traçar um perfil do entrevistado para que se conheça, aproximadamente, em qual contexto o regente se encontra ao participar da entrevista.

As questões três (3) e quatro (4) adentram o tema da pesquisa de forma mais ampla com o objetivo de dar ao entrevistado a oportunidade de discorrer, sob um ponto de vista mais abrangente acerca do tema.

As questões de sete (7) à treze (13) são mais específicas acerca do tema técnica gestual, e buscam também observar a relação entre o referencial teórico utilizado na pesquisa e a influência da Matriz DJunker nestas áreas.

A questão 14 encerra a entrevista abrindo espaço para o entrevistado acrescentar alguma outra informação sobre outras influências que o exercício da Matriz DJunker proporcionou em sua prática como regente.

Segue abaixo as questões de pesquisa formuladas para a entrevista.

- 1) Há quanto tempo você atua como regente?
- 2) Descreva com quais tipos de grupo você trabalha atualmente (coro, orquestra, banda, grupos de câmara, ou outros).

3) Para você, qual a importância da técnica gestual na comunicação de suas intenções musicais? Explique.

4) A Matriz DJunker contribuiu no processo de desenvolvimento da sua técnica gestual? Se sim, como?

5) Há quanto tempo você estudou regência através da Matriz DJunker?

6) Durante quanto tempo você praticou a Matriz DJunker?

7) A Matriz DJunker contribuiu para a independência de movimentos entre as mãos direita e esquerda? Se sim, como?

8) A Matriz DJunker auxiliou no processo de assimilação dos padrões de compassos? Se sim, como?

9) A Matriz DJunker contribuiu para ampliar o vocabulário gestual que você utiliza para comunicar com seus grupos musicais durante a regência? Se sim, como?

10) A prática da Matriz DJunker ajudou a tornar mais claro a comunicação gestual de suas intenções musicais como interprete? Se sim, como?

11) A Matriz DJunker auxiliou na área da concentração e manutenção do foco durante a regência? Se sim, como?

12) A prática da Matriz DJunker o ajudou a desenvolver várias “linhas de pensamento” durante a execução musical?

13) Você ainda usa a Matriz DJunker como ferramenta para o aprimoramento da técnica gestual? Em que contexto?

14) Houve outras influências da Matriz DJunker na sua prática como regente? Se sim, fale sobre.

4.3. Entrevista gravada com os regentes envolvidos na pesquisa

Escolheu-se fazer uma entrevista gravada com o intuito de facilitar a coleta dos dados e proporcionar uma maior riqueza nas respostas, uma vez que os entrevistados não precisaram escrever suas respostas mas apenas falar durante uma conversa com o entrevistador. Assim sendo, nota-se o uso recorrente da linguagem coloquial por parte dos entrevistados e também o emprego de termos e concordâncias não utilizados na norma culta da língua portuguesa. Mesmo assim, o texto foi mantido dessa forma afim de evitar qualquer tipo de alteração de sentido daquilo que foi falado.

Sobre a escolha dos entrevistados, como o método em questão não se restringe ao estudo de regência para uma de uma determinada formação instrumental específica, mas sim o aprimoramento da técnica gestual como um todo, buscou-se regentes com diferentes áreas de atuação. Regência de bandas, de orquestras, corais de empresas e órgãos públicos, corais religiosos e grupos de projetos sociais.

Para esta pesquisa, os regentes entrevistados foram identificados com seus nomes reais. Para isso, de maneira responsável, todos os cuidados éticos e legais necessários foram tomados. Os regentes entrevistados assinaram um documento de consentimento por escrito onde o pesquisador se comprometeu a utilizar os dados coletado apenas para os fins desta pesquisa e as publicações produzidas a partir dela.

Os regentes entrevistados foram: Priscila Bispo; Kleber de Sá; Mariana Meneses Ivair Gomes; Simone Moraes; e Felipe Ayala.

4.4. A utilização da Matriz DJunker por regentes em Brasília – Descrição da pesquisa.

Neste tópico, as entrevistas foram descritas ordenadamente por questões. Será apresentada cada questão e as respostas de cada entrevistado para melhor entendimento dos diferentes posicionamentos de cada regente. Apenas os trechos relativos às respostas foram colocados aqui afim de deixar o trabalho mais objetivo, sem qualquer alteração no teor das respostas. No entanto, as entrevistas completas estão disponíveis nos anexos deste trabalho.

1) Há quanto tempo você atua como regente?

Priscila: Olha, como regente eu atuo há 20 anos.

Kleber: Olha, eu atuo desde os 15 anos de idade, então são 27 anos.

Mariana: 9 anos.

Ivair: Mais ou menos aí uns 35 anos de atividade, né.

Simone: Desde 2001. Então, 17 anos.

Felipe: Eu atuo desde os meus 17 anos, ou seja, são 10 anos.

2) Descreva com quais tipos de grupo você trabalha atualmente (coro, orquestra, banda, grupos de câmara, ou outros).

Priscila: Eu reço atualmente o coral do SICOB, que é uma empresa privada, e o coral Habeas Cantus, que é um coro independente de órgão público, né, ele tem uma ligação com o judiciário.

Kleber: Atualmente, eu tenho 3 corais, um madrigal, que é o Madrigal Kurios, que é um projeto que nasceu inclusive como um laboratório para regentes testarem seus arranjos e a própria técnica gestual e já estamos há 4 anos neste grupo, estou com o Coral Adorai há 6 anos, que é um coral da 1ª Igreja Presbiteriana Independente, e acabo de assumir o Coral dos Servidores do Estado de Goiás, da Regional do Novo Gama, que é um coro que está começando. Este é um projeto que a regional aprovou junto à Ciranda da Arte e eu fui escolhido como regente para conduzir este projeto. Atuo também como diretor pedagógico da Kurios, que é a nossa escola de música, onde temos hoje cerca de 120 alunos de instrumentos variados, mas o enfoque principal é o canto, pois dos 120 alunos, em torno de 70 são alunos de canto.

Mariana: Atualmente orquestras e grupos de câmara(...). Eu fiz o meu mestrado especializado já na área orquestral. Desde então eu tenho tentado focar. Fiz minha especialização em São Paulo também mais para orquestra, apesar de ter umas poucas aulas de coro ali, e desde então tenho tentado focar a minha experiência nisso.

Ivair: Atualmente, a gente tá trabalhando com a orquestra de igreja, né, a orquestra Adoração. (...) uma orquestra até muito boa, muito grande. Hoje nós estamos aí com em torno de 74 componentes na orquestra(...). E eu sou regente titular da Banda da Marinha, do Grupamento de Fuzileiros Navais, aqui em Brasília.

Simone: Eu trabalho com 7 corais de diferentes faixas etárias dentro de minha Igreja. A Igreja Presbiteriana Nacional. Tem o coro de crianças, adolescentes, jovens, jovens/adultos, grupo masculino, grupo vocal feminino e um coro misto adulto. Também reço um grupo instrumental, não é uma orquestra, mas compõe de quarteto, madeiras e dois metais, então acaba sendo um grupo, uma *cameratinha*, assim. Além desses eu tenho trabalhado com corais de empresas.

Felipe: Aqui em Brasília eu trabalho com a orquestra VGMUS, orquestra na qual eu fundei em 2012, uma orquestra que começou como orquestra de câmara e pouco a pouco foi ganhando notoriedade, a orquestra foi aumentando, e chegou em um ponto de ter uma proporção do tamanho de uma orquestra sinfônica. A VGMUS é uma orquestra que toca trilhas sonoras, trilhas sonoras de filmes, de videogames,

séries e tem esse objetivo muito forte de entretenimento e tudo mais. E além da área de regência orquestral também trabalho com o, trabalho a muito tempo na área de coro, atualmente eu desenvolvo o trabalho com um coral do Conservatório de Música e Artes de Brasília, que é situado e Taguatinga, trabalho lá desde 2011. Trabalho com o Coro Italiano da UnB, que é um coro que canta um repertório exclusivamente em italiano, repertório este que, apesar de ser em italiano, é variado. Canta desde músicas populares, folclóricas até eruditas. Lá eu trabalho desde 2010. E sou assistente do Coro Sinfônico Comunitário da UnB, que é um trabalho onde temos a oportunidade de ver grandes obras com coro e orquestra a cada semestre.

3) Para você, qual a importância da técnica gestual na comunicação de suas intenções musicais? Explique.

Priscila: Eu acho que é fundamental *pro* regente saber utilizar a técnica gestual pra estabelecer a comunicação.

Kleber: Olha, como regente eu defendo que a responsabilidade pela produção do som está mais a cargo do regente. Eu sei que tem alguns regentes que defendem que o que está escrito é o que tem que acontecer, mas eu defendo que o regente pode manipular essas intenções musicais que estão escritas. Conseqüentemente, a técnica gestual, para mim, é o ponto fundamental nessa comunicação, porque eu posso mexer texturas, dinâmica, intensidade e vários outros elementos musicais podem ser alterados através da técnica gestual.

Mariana: Essencial. Eu acho essencial, é, mas não mais importante do que o conhecimento histórico, teórico, o conhecimento profundo da obra, dos motivos musicais e etc. É só que sem, com o essencial sem, sem a base é impossível né, então é a nossa base.

Ivair: A comunicação através da técnica gestual ela é, vamos dizer assim, tudo, né. Porque ela tem que ser muito clara, bem correta, bem entendível *pra* que o grupo em si entenda com clareza momentos, por exemplo de uma peça musical, como crescendo, decrescendo, corte, entradas, pra que isso fique bem justo, né, *pra* que isso fique bem correto, a técnica gestual tem que estar apurada, tem que estar certinha, e bem clara para quem é executante.

Simone: É fundamental. Porque transmite o que eu quero passar para eles. ...às vezes a gente só faz aquele repasse antes, e às vezes nem passa, né, aqui

ultimamente tem sido assim. Pela qualidade do gesto a gente consegue se entender perfeitamente.

Felipe: A técnica gestual é o único caminho de comunicação entre o maestro e os músicos, sejam cantores ou instrumentistas. O maestro que tem uma técnica muito bem clara, muito bem firmada e construída, ele consegue por exemplo, economizar hora e horas de minutos preciosos de ensaio, apenas com a técnica. (...) então, o gesto é diretamente a comunicação mais efetiva e mais pragmática.

4) A Matriz Djunker contribuiu no processo de desenvolvimento da sua técnica gestual? Se sim, como?

Priscila: Sim. A Matriz DJunker, é como uma metodologia, né, de prática de um instrumento. No caso a gente tá domesticando ali as mãos, os braços, o corpo, a postura pra realização da regência. Então a matriz ajuda muito porque a gente precisa praticar, então, é uma forma de praticar padrões, entradas e todos esses elementos musicais que aparecem especificamente no *metié* que o maestro tem que ter. Então ela ajuda bastante e foi um elemento que foi difícil de estudar na faculdade, mas foi bom, ajudou bastante sim.

Kleber: Cara, bastante, devido a algumas questões que foram fundamentais. Primeiro, a minha técnica gestual era baseada em experiências, ela era empírica, então, não tinha uma formatação.

Eu tinha uma técnica que era extremamente solta, eu não tinha o controle sobre o meu corpo e sobre a minha técnica gestual.

Então, às vezes, ela era contida demais, mas, na maioria das vezes, ela era espalhafatosa demais. Hoje, através da Matriz, eu consegui dosar aquilo. Porque eu consegui disciplinar as minhas mãos e, conseqüentemente, até o corpo, para fazer de forma voluntária, porque alguns de meus movimentos eram involuntários. E aí, quando eu comecei a trabalhar com a Matriz, eu fui tomando consciência dos meus movimentos e aprendendo a dosá-los de acordo com as minhas intenções. Conseqüentemente, eu melhorei o meu foco e, nos corais que eu regia, também consegui mudar as minhas intenções e a realização musical se tornou mais completa.

Mariana: Com certeza. Eu acho que depois da Matriz, eu tive um gesto mais claro, mais preciso e eu nunca parei *pra* pensar muito sobre isso, mais quando fui estudar fora, as pessoas apontavam que isso era uma qualidade da minha regência, então

eu acho que influenciou muito positivamente, né, porque foi após alguns anos de estudo de Matriz, talvez quatro ou três anos de estudo de Matriz, então é, ajudou a ter mais clareza, ajudou a ter mais precisão e de pensar um pouco mais rápido.

Ivair: Bom, a resposta é sim. E aí o 'como' fica bem claro por causa do exercício que a Matriz propõe. A Matriz é uma ferramenta bem técnica né. Ela procura colocar o gestual bem em ordem. Você pega os movimentos dos padrões de compasso, você procura botar eles bem correto, fazer eles bem justo, bem certinho, bem acertado.

Quando eu comecei efetivamente a trabalhar a Matriz com o maestro David Junker, eu aceitei um desafio que ele me fez. Eu sempre trabalhei regendo com a mão esquerda. E o maestro Junker então, me fez esse desafio de mudar, né, pra passar a reger com a batuta na mão direita. Achei uma tarefa muito desafiadora pra mim, por causa dos longos anos aí regendo de outra forma. Mas aceitei o desafio. Eu consegui em pouco tempo, eu digo pra você, em 6 meses, eu consegui um resultado fantástico. Então isso daí eu devo à Matriz, né. Eu achei que, pra mim, foi um tempo recorde. Eu sei que tenho muita coisa para trabalhar, pra ajustar, pra ficar melhor, como eu realmente gostaria que ficasse, e eu estou conseguindo. Porque estou progredindo, utilizando a Matriz. Então eu estou conseguindo fazer essa mudança. É uma proposta que a Matriz traz como ferramenta de trabalho do gestual, da técnica de regência. Ela resolve muito rápido, e isso foi bom pra mim.

Simone: A minha técnica gestual é totalmente baseada na Matriz DJunker. Porque foi o que eu estudei. Eu nunca tive outro contato com outro tipo de regência. Depois que eu me formei, sim, né, tendo contato com outros regentes posso até ter sofrido alguma influência, mas para mim ela contribuiu 100% no meu processo de desenvolvimento, porque foi só ela mesmo.

Felipe: Sim, contribuiu. Quando eu entrei, e iniciei o processo da Matriz, eu já havia estudado regência... quando eu entrei na universidade, pro curso de regência, e presenciei a Matriz do maestro David Junker, eu encarei a Matriz e pra mim, serviu muito para correção de vícios. E não só correção de vícios, mas, como eu ainda estava em um nível iniciante na regência, então serviu para a construção dos desenhos dos padrões muito claros, não apenas de compassos simples, né, como binário, ternários e quaternários, mas aí, principalmente, nos compassos de métricas compostas e irregulares, por que são as duas formas acho que mais complexas e menos comuns de se reger. Então, através da Matriz, com certeza, o resultado gestual ali foi de construção muito clara dos desenhos dos pontos de cada beat, de

cada compasso, e isso foi como um alicerce. Desde aquela época, que tive contato com a Matriz pela primeira vez, até então, essa fundamentação não saiu de mim até hoje. Tenho isso como base desde 2010 que foi a primeira vez que eu vi essa Matriz.

5) Há quanto tempo você estudou regência através da Matriz DJunker?

Priscila: 15 anos.

Kleber: Tem 4 anos que eu estudei.

Mariana: Nove (9) anos desde que eu comecei a estudar a Matriz DJunker.

Ivair: Bom, contando de hoje... ...10 meses mais ou menos. Ainda não tenho um ano trabalhando com a Matriz DJunker.

Simone: 13 anos.

Felipe: 7 anos.

6) Durante quanto tempo você praticou a Matriz DJunker?

Priscila: De 2 a 4 anos.

Kleber: Quase 3 anos. Eu era muito disciplinado nessa questão.

Mariana: Acredito que quatro ou três anos.

Ivair: Acho que todos os dias. Eu gosto muito do exercício da Matriz e, a gente procura variar ali os exercícios, né, as propostas que o maestro David vai fazendo em cima da Matriz, a gente vai trabalhando com ela, variando. O resultado é muito bom, e eu pretendo até trazer ela pra gente fazer um trabalho mais efetivo dentro da Marinha.

Simone: Ah, eu acredito que uns 3 anos.

Felipe: Um ano e meio. Nessa época realmente tinha uma certa disciplina e era quase que todo dia, de frente pro espelho, né, pelo menos de segunda a sexta. ...Mas não era por muito tempo, entendeu? Eu fazia um pouquinho, fazia, sei lá, cinco (5) minutos e pronto. Fazia isso. E eu acho que isso me ajudou muito a construir os pontos muito bem claros, muito bem definidos e tal, e eu pelo menos, é claro que a gente sempre fica insatisfeito, sempre tem o que melhorar, mas eu hoje não. Hoje eu posso dizer assim que em relação a clareza dos padrões de regência, dos padrões de compasso, eu tenho segurança na clareza deles.

7) A Matriz DJunker contribuiu para a independência de movimentos entre as mãos direita e esquerda? Se sim, como?

Priscila: Sim, ajuda. Ajuda bastante porque é o foco do método, o método é deixar as suas mãos independentes, é você ter consciência do que cada mão está fazendo, então ajuda bastante, o método é para isso. É um método de técnica gestual, então ele ajuda nessa independência sim, e aliás é um dos focos do maestro com a Matriz é justamente que a gente tenha essa independência entre as mãos, mão direita marcando o padrão, mão esquerda dando as entradas, eventualmente trocando, mas eu acho que, pelo menos na minha formação, o treino da Matriz ajudou sim.

Kleber: Com certeza! Porque a minha regência era espelhada, então, o que eu fazia com a direita eu fazia com a esquerda. Sempre foi espelhada e, os maestros com quem estudei, todos faziam regência espelhada. E aí, eu consegui desvincular totalmente o movimento da esquerda. Hoje, quando eu uso ela espelhada, eu uso propositalmente, não é mais algo involuntário. Eu sei exatamente o que eu quero e qual a intenção ao usar a regência espelhada, mas normalmente eu não uso. Eu consigo trabalhar com a minha mão esquerda trabalhando dinâmica, enquanto a minha mão direita está fazendo contagem de compasso ou arrumando outras coisas. A Matriz contribuiu bastante. A Matriz me ajudou devido ao ciclo de entrada. A Matriz segurou a minha mão esquerda. Então, aquela tendência que eu tinha de espelhar, a partir do momento que eu comecei a usar a Matriz, eu parei de espelhar. Isso foi muito bom para mim, porque era um vício, um maneirismo, a questão do espelhar e, de imediato, o primeiro efeito foi eu desvincular o meu movimento de mão direita do meu movimento de mão esquerda.

Mariana: Sim. Acredito que sim. Depois, quando a gente chega num nível mais elevado na Matriz, a gente começa a trabalhar com as dinâmicas, né, começa a trabalhar com essas coisas. Um desafio a mais sempre. Então eu acredito que sim, que ajudou com certeza.

Ivair: Bom, pra mim essa resposta é muito mais, como é que eu diria, mais rica, ou muito mais significativa, porque ela proporcionou a mudança de uma mão pra outra. Ela foi, muito mais desafiadora, você está me entendendo? A gente já tem a ideia de fazer todo um trabalho com a mão esquerda, né. E aí o desafio foi inverter isso. Então a inversão, ela foi, ela se colocou como um desafio muito grande que a gente tá vencendo.

Simone: Contribuiu 100%. Até hoje, quando eu estou regendo, eu tenho na minha mente que eu preciso ter independência, principalmente em relação a cortes e entradas e crescendo e decrescendo. Isso daí *pra* mim é o que mais me influenciou. Então, aí ela (Matriz DJunker) contribuiu porque realmente eu tive que praticar, né, esse movimento de independência, porque a minha tendência antes era fazer regência espelho. Acho que talvez a maioria que não tem esse tipo de estudo acaba fazendo. E aí com a Matriz eu tive que me desprender. E, até hoje, até hoje! Sério! Toda vez que eu estou regendo, se eu me pego batendo palmas para manter o tempo, aí eu já lembro, já largo a minha mão, porque realmente é uma coisa, mesmo depois desses anos todos, é uma coisa que nunca saiu da minha cabeça.

Felipe: Sim, na minha opinião sim. E vai muito do que eu respondi anteriormente. Como eu falei, tem relação com a automatização dos gestos. E pelo fato de terem muitas mudanças de compassos, né, quando você entra com os exercícios de entradas, cortes e dinâmicas, é um total exercício de independência de mãos e eu acho fantástico, com certeza contribuiu.

8) A Matriz DJunker auxiliou no processo de assimilação dos padrões de compassos? Se sim, como?

Priscila: Sim. Eu acredito que esse seja um dos principais focos práticos da Matriz. Trabalhar justamente a consciência e a quase, é, como a gente pode falar, 'robotização', vamos dizer assim, dos padrões de compasso. Quando você faz aquelas repetições dentro das linhas da Matriz, nas várias direções, e precisa praticar aquilo várias vezes. Então precisa estar na sua memória o padrão que você vai usar e principalmente os padrões de compasso mais variados como os de 7 e de 5 que você vai ter variações. Eu acredito esse seja um dos pontos forte da Matriz, além das entradas e cortes, né, é principalmente não se perder na condução do padrão e estar atento ao que vem em seguida principalmente em relação ao compasso. Então eu acredito que sim, acredito que esse é um ponto forte da Matriz.

Kleber: Sim, também. Primeiro eu tinha muita dificuldade com a questão geral de compasso. ... quando eu fui para a Regência e comecei a trabalhar com a Matriz, as várias formas de compasso, e a forma como eu conduzo cada compasso, eu resolvi na Matriz. Não só o 6/8, os compassos a 5, se ele é 2-3, ou 3-2, os compassos a 7, nos três padrões.

Mariana: Sim. Tenho agora já mais claro na minha cabeça, né, o padrão *pra* cada fórmula de compasso, e também a possibilidade de variar com facilidade entre eles. É que as vezes a gente encontra muita música contemporânea, música moderna, onde a gente encontra muita variação rápida de compasso. Então, eu acho que na parte instrumental me ajudou até mais do que na parte coral, por ter muita música instrumental, muita música de câmara, que tem essa variação.

Ivair: A Matriz ela trabalha muito bem o processo que o regente tem ao reger uma peça. Não focado na peça, mas na preparação do regente em si, no gestual do regente, né. A gente coloca a peça de lado e a gente trabalha aquelas questões dos padrões de compasso. A gente consegue fazer eles muito bem definidos. A Matriz te propõe isso. E ela também te dá a proposta de quando você vai trabalhar com a mão esquerda toda aquela movimentação expressiva que você precisa fazer com a mão esquerda de crescendo, decrescendo, entradas, chamadas, enfim, toda essa expressividade que você precisa ter com a mão esquerda. A Matriz coloca isso no lugar. Como? Porque ela te leva a prática de uma independência entre uma mão e outra, entendeu? Então, esse exercício ele é muito claro na Matriz, é muito acentuado. E foi isso que me levou a conseguir esse resultado da inversão, né. Você vê que de longos anos em meses agora eu mudei. É fantástico.

Simone: Com certeza. Porque, na verdade me ensinou a fazer, né, esses padrões. Os movimentos tanto do lado direito e, principalmente o do 5 e do 7, que eu fazia menos, e as subdivisões também, é por conta da Matriz. Antes eu fazia de um jeito bem diferente. E com a Matriz eu consegui entender realmente como é que eu ia fazer, principalmente eu lembro que na época, quando eu comecei a estudar, eu tinha, não vou lembrar agora qual era a cantata, devia ser a “Vivo Está”, que tinha um 6 por 4, acho que era. E eu quando comecei aqui, cai direto para reger essa cantata, sem saber nada. Era só uma coisa muito intuitiva. E realmente, a partir do momento que eu entendi aquela Matriz eu falei: “Gente, aquilo dali foi um divisor de águas! “. Inclusive, eu consegui fazer com que as pessoas me entendessem, né? Então, *pra* eu conseguir me encontrar dentro do compasso, entender os tempos mais fortes, a Matriz pra mim foi realmente uma salvação.

Felipe: Sim, ajudou. Eu encaro a Matriz como um exercício completamente motor. Não existe nada estético, nada emocional ou musical, nada de construção de frase eu não vejo nada disso, eu vejo como um exercício completamente motor, que você está condicionando o seu corpo a mostrar uma clareza nos padrões de compasso,

nos padrões de regência. Enfim, seja não só regência, mas depois nos níveis seguintes da Matriz aí entra obviamente as entradas, os cortes, as dinâmicas, os “crescendo”, o “diminuendo”, esses tipos de coisa. Mesmo com o trabalho de mão esquerda, mesmo com os “crescendo”, o “diminuendo” é um trabalho, ao meu ver estritamente racional, um trabalho motor, que você está condicionando o seu corpo a fazer aquilo, e é como quase andar de bicicleta, num primeiro momento você fica pensando: “Ah, eu tenho que equilibrar a mão ali, o pé aqui”. Mas, depois de um determinado momento você já não pensa mais, quando você está regendo um quaternário, um ternário, você nem pensa *pra* onde que tem que ir o movimento. Você já automatizou o gesto. A Matriz te proporciona essa automatização. Eu encaro como isso.

9) A Matriz DJunker contribuiu para ampliar o vocabulário gestual que você utiliza para comunicar com seus grupos musicais durante a regência?

Se sim, como?

Priscila: Eu já acho que nesse sentido não tanto. Porque a Matriz é um método, não é um método de expandir seu gestual. Pelo contrário, ele é um método de, colocar seu gestual numa caixa. “Vamos padronizar o que você faz, enquanto regente”. Então, como método de padrão, ele não expande tanto, pelo contrário, ele diz, onde é o ictus, quais são os padrões que você vai fazer, os compassos que você vai fazer, “você sempre vai fazer nesse espaço”, “nesse lugar”, “o ictus tá sempre aqui”, a entrada, “você precisa fazer aqui”. Então na verdade ela é um elemento de mais de restrição do que de ampliação de gesto, né. Tanto que a gente não vê a Matriz, por exemplo, em um curso inteiro de regência, né. Muda de professor e tal, e vem outras metodologias, e aí sim você expande sua comunicação, seu gesto. Você vê que não está preso a aquilo ali. Aquilo foi uma metodologia pra correção de vícios, pra você internalizar os padrões, não errar mais padrão, não errar entrada, não errar corte, essas coisas que são básicas. Mas eu não acho que ele expanda não. Pelo contrário, acho que ela é limitadora.

Kleber: Ela contribuiu para eu conseguir absorver a mudança dos gestos, porque, na Matriz mesmo, você não estuda muito uma mudança de gesto no que diz respeito à lógica, no que diz respeito à dinâmica. Você estuda mais a questão da padronização. Pelo menos, foi assim comigo. Eu não sei se, em um trabalho mais profundo com a Matriz, se nós chegaremos neste ponto. Só que, como você adquire

uma independência, qualquer elemento novo que você queira incorporar à regência, ele fica fácil de ser incorporado, porque você tem coordenação motora para o incorporar. Então, eu mesmo desenvolvi os meus estudos, através da Matriz, para tirar as minhas intenções, porque, no estudo da Matriz, uma das poucas coisas que vimos com relação à dinâmica, foi a questão de fazer o crescendo com a mão esquerda, enquanto a direita está marcando o pulso e o crescendo e o decrescendo, foi uma das poucas coisas que nós vimos. Só que, hoje, eu consigo fazer qualquer expressão e não perder o pulso. Uma outra coisa que eu consegui através da Matriz, foi tirar a mão direita da marcação de pulso, para não ficar aquela regência quadrada, de só contar compasso para coralista que sabe ler e cantar e músico. Eu tinha dificuldade de saber onde eu voltava, em qual ponto do pulso eu estava, qual ponto do compasso eu estava, se estava no tempo 2, no tempo 3 ou no tempo 5, eu não sabia. Hoje não, hoje eu posso parar de marcar com a mão (direita) os compassos, fazer toda a movimentação gestual que eu preciso fazer e voltar exatamente no tempo do compasso que a música está pedindo. Isto eu não conseguia fazer.

Mariana: De certa forma ajudou, mas eu acho que depois você se aprofunda você acaba criando seu próprio vocabulário, então essa base com certeza ajudou né, ajudou a dar partida. E depois, eu comecei a encontrar o meu próprio vocabulário, acho que cada regente chega nesse momento.

Ivair: Bom, como eu te falo aqui a respeito do vocabulário musical? O vocabulário gestual, a gente já tinha, como eu te digo, devido ao tempo, com a maturidade que a gente já tem trabalhando. A gente já tem, assim, todo um vocabulário formado, uma bagagem formada. Além dos professores em si que a gente tem, a gente aprecia outros, observa vídeos. Enfim, uma série de coisas, mas como eu te digo, o mais desafiador pra mim, no meu caso, em particular, que eu acho que é até interessante, é a inversão. Como trazer isso pra inversão. Como inverter e conseguir fazer isso. Porque você fazer com a mão esquerda, como eu já estava fazendo, estava pronto. E aí agora ter que desfazer tudo isso e inverter pra outra mão... Então, nessa hora aí a Matriz ela tá contribuindo, né, pra essa inversão.

Simone: Bom, o vocabulário gestual, não sei, talvez, pra mim o que a Matriz realmente foi influência para mim foi na forma de marcação de compassos, né, de marcar o pulso. Principalmente entradas, saídas, cortes, o crescendo, o decrescendo. Pra mim foi isso. Agora sim, dentro do meu vocabulário gestual, né de

expressão, talvez a Matriz não tenha me ajudado muito não. Mas realmente foi mais nessa parte de manutenção do pulso. Foi mais isso. Acho que o vocabulário gestual, ele mudou muito depois que eu comecei a trabalhar, comecei a ver outros regentes, pelas minhas pesquisas de cantar com outros corais. Eu acho que isso me influenciou muito mais que a Matriz.

Felipe: Na minha opinião, não. Seguindo a linha que eu respondi anteriormente, em relação a pergunta 8, eu vejo a Matriz como realmente um exercício de automatização. Um exercício quase que robótico, você está condicionando os movimentos e é um tipo de exercício apesar que você pode trabalhar a Matriz com dinâmica, você pode fazer gestos grandes, né, gestos menores, ou médios, você pode andamentos também rápidos, moderados e lentos, apesar de tudo isso, não tem nada de estético nisso. E eu acho que o vocabulário gestual ele nasce a partir de associações extras musicais, quando você começa a ter um repertório gestual mais interessante. ... Enfim, a Matriz não proporciona isso. Pelo menos o que eu tive de contato com a Matriz, não vi nada que pudesse construir frases, construir qualquer estética musical nesse sentido.

10)A pratica da Matriz DJunker ajudou a tornar mais claro a comunicação gestual de suas intenções musicais como interprete? Se sim, como?

Priscila: Olha, essa é uma pergunta já que eu acho mais difícil de responder. A princípio eu diria que não, mas é claro que se essa é uma técnica que a gente estuda como base do início do curso de regência, ela vai ter influências. Vai ter reverberações nas outras questões como interpretação e como a comunicação com o coral para que a gente atinja a sonoridade que a gente quer. E é claro que ela vem como um desses recursos, né. Mas muito especificamente não, até porque quando a gente vai começar a trabalhar com interpretação e uma série de coisas, a gente sai um pouco dessa rigidez que é o método. Mas é claro que o método auxilia você a ter controle, porque você volta, você sai do padrão, mas você volta. Você não precisa ficar necessariamente ficar dando entrada o tempo todo, mas em certos momentos você precisa e o treino ficou lá, internalizou.

Kleber: Também. Como eu falei, os meus gestos eram indefinidos por eu ver tantos regentes, como a definição de que o gesto x ter sempre aquela intenção. Então, o meu grupo não sabia o que eu queria dizer. Às vezes, eu tinha um gesto que, em determinada música queria dizer uma determinada coisa, e, em outra música, queria

dizer outra determinada coisa. Através da Matriz eu comecei a padronizar o meu gestual. E aí, conseqüentemente, hoje, quem canta ou toca comigo sabe exatamente qual é a minha intenção quando eu faço um determinado gesto. Às vezes, não é necessário nem explicar quando eu pego um grupo novo, porque ficou muito claro para eles aquilo que estou querendo.

Mariana: Sim. Eu acho que porque a gente cria também uma automatização, quando a gente pega o domínio da Matriz, e pega o domínio do gesto, da base do gestual, a gente tem mais liberdade pra expressar. Então eu acho que depois disso automatizado, depois disso mais internalizado, eu tive mais liberdade pra me expressar, então dessa forma sim.

Ivair: Sim, sim. Porque ela (Matriz DJunker) trabalha a individualidade entre as mãos, né. ... A gente tem que aprimorar a técnica gestual. Seja ela qual for, tem que ser uma coisa muito bem acertada, muito bem clara. E a Matriz te dá esse caminho dentro da técnica gestual de regência.

Simone: Sem dúvida. É, porque assim, cantando, trabalhando com regentes conhecidos que não tiveram esse contato, né, são muito mais velhos, muito mais experientes, mas, quantas vezes já aconteceu de eu realmente parar com a pessoa, dar um toque, influenciado, baseado na Matriz, e a pessoa: - "Olha, é mesmo! Realmente está funcionando! "; exatamente como eu fiz na Matriz, sabe? E aí, porque ele realmente clareia, ele é muito mais facilitador do que qualquer outro tipo de gesto. Então eu acho que isso é legal.

Felipe: Minha resposta é sim. A prática da Matriz realmente ajudou a tornar mais clara a comunicação gestual porque, a partir dela, os gestos foram concebidos de uma forma padronizada. Esteticamente, os gestos ficam mais claros. Tanto na mão direita em relação aos padrões dos compassos, quanto no trabalho dos níveis seguintes da Matriz, que são os trabalhos de entradas, dinâmicas, de cortes. Então, com certeza, contribuiu para uma comunicação mais clara com os músicos enquanto interprete. Estabelecendo esse treino físico pela Matriz com certeza ajudou bastante a deixar mais claro a comunicação gestual com os músicos.

11)A Matriz DJunker auxiliou na área da concentração e manutenção do foco durante a regência? Se sim, como?

Priscila: Demais. Isso aí eu acho que é o foco da Matriz é isso. É o foco técnico. É você estar concentrado nas ocorrências musicais. Você precisa estar preparado pro

que vai acontecer na música. Você vai ler uma grade, você tem que estar preparado para o que vai acontecer. Você está regendo um coro, você tem que estar preparado para o que vai acontecer. Então, eu acho que e o treino da Matriz exige muita concentração, “aquele padrão que vai vir agora”, “eu estou no sete, mas que sete eu estou agora? “ Entrada, “estou fazendo corte”, “mas que corte eu já dei? “. Então, esse preparo de concentração é fundamental e isso fica realmente na vida do regente.

Kleber: Com certeza. ... eu tinha uma dificuldade muito grande com o barulho na hora da apresentação. Muitas coisas me desconcentravam. Uma baqueta que caísse, me desconcentrava. O choro de uma criança me desconcentrava. E, quando a gente fala de música, principalmente quando você faz música para leigos, você está sujeito a ter uma quantidade muito grande de ruído na hora do concerto. É diferente de um público um pouco mais entendido de música que sabe que, em um concerto, você precisa se manter em silêncio. Então, eu tinha muita dificuldade. Hoje, eu e a música entramos quase que em um mundo paralelo e eu consigo manter o foco ali. Mesmo se acontecer alguma coisa que me tire a atenção, eu consigo retornar depois, porque eu me acostumei a estudar a Matriz com outras coisas acontecendo à minha volta.

Mariana: Acredito que sim, exatamente pelo mesmo motivo da automatização, da internalização. Quando você tem o domínio do gestual, é você consegue se focar na música em si. Então acredito que nesse sentido, e também poder escutar, né. Porque quando a gente rege a gente precisa escutar muito bem o que está acontecendo em tempo real pra modificar, né. Você escuta, faz uma avaliação ali naquele momento, e já tem que tomar uma atitude, né, corrigir o que precisa. Então isso é muito difícil. Quando você tem o domínio gestual técnico bom, você não tem que se preocupar com ele. Então, eu acho que a prática da Matriz te ajuda a ter esse domínio.

Ivair: Sim, pelo aspecto do preparo. Então, quando você vai se preparar como regente, você tem um foco muito grande no que tá acontecendo entre uma das mãos e a outra. O que você faz com a batuta, e o que você faz com a mão esquerda para indicar a expressividade. Então, a Matriz faz você focar na individualidade entre uma mão e outra. Então, você procura fazer as coisas com esmero, pra ficar bem claro o que tá acontecendo entre uma mão e outra. Agora, você precisa levar isso pra uma obra. Quando você leva isso para uma obra, aí você tem os movimentos até

bem definidos. Aquele exercício individual, parte de um contexto, dentro de uma obra.

Simone: Olha, eu acredito que sim. Eu nunca parei para pensar nisso, mas sim. No meu meio, as músicas que eu trabalho, não são assim, difíceis. Então eu não tenho grandes desafios de compassos e tudo. Não é difícil de me concentrar.

Mas assim, tem uma música que a gente tá fazendo agora que é um terror. Um terror de compassos e eu só consegui cantar essa música, só consegui decorar por conta da Matriz. (...) Ela se chama “Salmo de Alabanza” (...) que a gente tá cantando com o coral “Cantus Firmus”. Eu, nos meus estudos, apesar não ser a regente, estudava como se eu estivesse regendo, e a Matriz realmente me ajudou 100%.

Felipe: Sim. A Matriz, como eu falei, é um exercício que é estritamente racional, na minha opinião. Ela tem, também, um fator que não é apenas motor. Ela tem um elemento muito cerebral. Como há a possibilidade de você mudar as direções da leitura da Matriz; como há enormes variações; você pode mudar os sentidos e vai mudando a sequência de compassos; há a necessidade de você pensar rápido, e ter um jogo de cintura ali de mudar o seu gesto conforme o padrão do compasso que vem logo em seguida. Às vezes tem padrões de compassos que é de 5, aí você tem que saber se a forma é “A, ou é “B”, assim como os compassos de 7, e eu acho que esse tipo de trabalho cerebral ajuda demais na parte racional, de você melhorar, fatores de lógica. Você pensar mais rápido, melhora inclusive a sua leitura à primeira vista, né. A pessoa que presencia a Matriz, e eu falo porque eu vivenciei isso e eu vi alunos também trabalhando com a Matriz. Eu vi que fatalmente a leitura à primeira vista melhora em termos fantásticos depois de disso. Em contrapartida, por tabela, já mexe com essa parte de te deixar esperto com tudo. De te deixar ter um jogo de cintura pra tudo, né. E te deixar concentrado, e manter o foco e por aí vai. Porque, no ensaio, por mais que o regente planeje um ensaio das mais variadas formas, por mais que ele conheça o grupo e tenha o grupo na mão; e fale: “Não, estou antecipando que aquele naipe vai poder errar em tal trecho musical”; por mais que ele antecipe todas as coisas antes do ensaio começar, cada ensaio é uma coisa diferente. E acontecem coisas no ensaio que são imprevistas e o regente tem que ter o “start”. Ele tem que tá muito ligado, porque, com certeza, vão aparecer coisas inesperadas, e ele precisa ter o “timing” correto de poder saber como e onde solucionar o problema. Isso é que faz a diferença do bom e do mau regente, né. Aliás é o ensaio que diz isso, porque muitas vezes a gente vê no concerto e ele

pode estar regendo bonito. Mas o trabalho do regente é feito e construído no ensaio, e eu acho que esse tipo de atitude, de ter o “timing” correto, de lidar com músicos, cantores e instrumentistas no ensaio, corrigir trechos defeituosos, enfim, trabalhar a música como um todo o regente precisa ter esse tipo de concentração e foco pra dominar isso.

12)A prática da Matriz DJunker o ajudou a desenvolver varias “linhas de pensamento” durante a execução musical?

Priscila: É, sim, sim. Ajuda. Até porque existe essa concentração e você tem que pensar essas várias coisas que vão acontecer. Então, essa consciência neuro-motora trabalha muito fortemente. Claro que existem outras formas, outros métodos, outras exigências, né, mas eu acho que a Matriz prepara pra complexidade dessas linhas de pensamento que o maestro tem que ter que não se resume somente a entradas e cortes, mas a questões interpretativas, a análise da peça, ao que você quer fazer com aquela obra, à sonoridade que você quer tirar do grupo, enfim.

Kleber: Ajudou, mas sim, o que acabou contribuindo foi que eu estudei a Matriz em um momento em que eu estava também ampliando o meu conhecimento de regência orquestral. Então eu acho que juntou as duas coisas. Não poderia dizer que foi só a Matriz. A interpretação da grade. A marcação de entradas, principalmente, nas grades orquestrais, acabou me ajudando. Eu usei a Matriz como um suporte de foco e de concentração, mas não necessariamente eu utilizei a matriz para desenvolver essas linhas de pensamento. Ela era o meu aporte. Ela me apoiava quando eu precisava pensar nisto. Então, eu pegava uma grade e eu pensava essa grade como vários blocos da Matriz. Nós que estudamos a Matriz sabemos que a Matriz tem os ciclos de entrada, em qual ponto em que você vai dar as entradas. Eu pegava a minha grade e usava basicamente como se eu estivesse construindo uma Matriz.

Mariana: Sim. (para a entrevistada, esta pergunta já foi respondida na questão anterior).

Ivair: Sim e não. Sim porque, a prática da Matriz é como andar de bicicleta. Quando você está aprendendo a andar de bicicleta, que seja. Igual a quando você está aprendendo a tocar. No início, você tem uma preocupação com as coordenações. Igual para bateria, piano. Você tem uma preocupação com as coordenações, e essa preocupação não deixa você ver outras coisas. Agora, a prática da Matriz vai te

proporcionar essa independência. Então você vai ganhar com o tempo uma independência no teu gestual que vai sim te proporcionar uma liberdade pra você ter atenção em outras coisas. Então por isso eu digo sim, entendeu? Agora eu vou partir para o “não”. Porque pra você observar e sentir essas outras pendências dentro da área musical, você precisa praticar isso fora da Matriz. Auditar. Você vai ter que praticar fora da Matriz. Não envolve a Matriz. Andamento tudo bem, a Matriz vai te dar a liberdade no gestual. A Matriz vai te permitir ter a facilidade de focar a sua atenção nessas outras partes por causa da independência que você acaba ganhando com ela.

Simone: Eu não sei se essa prática me ajudou na atenção do que está acontecendo durante a regência. Não faço ideia. Realmente eu não sei se me influenciou.

Felipe: Ah, ajuda. E tem total relação com a resposta que eu dei anteriormente.

13) Você ainda usa a Matriz DJunker como ferramenta para o aprimoramento da técnica gestual? Em que contexto?

Priscila: Sistemáticamente, não. O contexto em que eu uso é que eu gosto de esporadicamente, voltar aos estudos. Eu saí da vida acadêmica, não estou fazendo mestrado, doutorado, nada disso. Mas eu gosto de voltar a estudar algumas coisas e eu volto a algumas leituras, volto à leitura da Matriz e é um bom exercício técnico.

Kleber: Volta e meia eu volto a estudar mesmo. Quando eu sinto que a minha técnica gestual está perdendo um pouquinho de sentido. Tem essa coisa da disciplina, porque a minha regência deixou de ser intuitiva demais e passou a ser um pouquinho mais pragmática. Aquele gesto para alcançar aquele determinado resultado. E quando eu sinto que eu estou perdendo isto, aí eu volto para a Matriz. Outra coisa, quando eu tenho que trabalhar padrões com os alunos, normalmente a minha referência ainda é a Matriz. Com alunos iniciantes de solfejo, o que vem à minha mente, a forma mais clara para explicar aquilo ali é pensando nos padrões da Matriz.

Mariana: Talvez como uma sombra assim, né. Ficou internalizado. Eu não volto à Matriz, mas consideraria voltar algumas vezes sim. (...) Vale a pena voltar.

Ivair: Eu até já te respondi isso. Já falei lá no início que eu pratico até hoje. Por conta da inversão eu tenho praticado bastante, né. Até porque eu estou exposto à Matriz há pouco tempo.

Simone: Eu uso. Uso em algumas músicas que eu preciso, né, de variação de compasso, principalmente quando tenho variação de compasso. Eu uso nos meus estudos pessoais. Aqui na igreja, eu tenho outras duas meninas que me ajudam. Elas não são nem regentes, assim, são auxiliares. Eu preparo tudo e elas estão ali à frente para eu não ter que ir em todos os ensaios. E aí eu trabalho com elas a Matriz, pra elas terem uma noção de como, como estar ali né. Como ajudar o pessoal a entender melhor as entradas delas mesmas. Até pelo desenvolvimento delas. Passei o DVD pra elas. Então assim, na verdade, foi meio que uma imposição minha que elas tivessem esse contato, pelo menos pra ter uma noção de técnica gestual. É dessa forma que eu uso a Matriz.

Felipe: Sim. Utilizo os ciclos que a Matriz propõe. Não o faço diariamente, né. Mas eu faço muitas vezes por semana o treino desses ciclos. Por exemplo, nesse mês eu estava trabalhando com a “História do Soldado”, de Stravinsky. É uma peça que, em todos os movimentos, absolutamente todos os movimentos, tem muitas mudanças de compasso. Então eu não faço mais o trabalho dos gráficos da Matriz, né. De se seguir a ordem dos números ali pré-dispostos. Mas agora, em músicas com um repertório, por exemplo, que tem esse tipo de característica, uma rítmica muito forte, muita mudança de compasso, eu tenho o hábito de fazer isso: faço o meu estudo prévio da partitura e aí, antes de poder automatizar a música no meu gesto eu bato apenas os compassos no andamento que a música pede, coloco um metrônomo, né, e eu vou para a frente do espelho e sigo os compassos conforme o que está escrito na partitura. É um tipo de Matriz. Eu considero um tipo de Matriz, só que direcionada e focada para o repertório, né. Porque o processo que eu faço logo depois, em vez de simplesmente bater os compassos, é, encaixar o tamanho do gesto, na dinâmica que está escrito na partitura. Então, embora seja um processo um pouco mais além do que é a Matriz, eu estou lidando com a música propriamente, e não um processo estritamente motor. Aí eu já estou pensando musicalmente e não apenas na parte física e coordenação dos braços.

14) Houve outras influências da Matriz DJunker na sua prática como regente? Se sim, fale sobre.

Priscila: Eu analiso a Matriz como uma metodologia mesmo. Como técnico. Acho que é uma forma de se trabalhar a técnica gestual mesmo. Acho ela um treino muito focado, muito pragmático. Tem um elemento bem de escola americana mesmo.

Deles terem que ter método pra tudo, uma receita. Você tem que ter uma receita pra fazer o negócio funcionar, então ela vem para mim muito claramente dessa escola. É e foi muito importante pra mim isso. A gente pensa que outras escolas vão ter isso, e elas tem de forma diferente. Talvez não tenham um método como a Matriz, mas tem outros métodos e outras formas. A Matriz é uma forma, né. É uma receita pra você trabalhar muito essencialmente a técnica gestual e essa coordenação. Esse trabalho neuro-motor mesmo. Chega um momento que você precisa pensar em outras coisas além da Matriz. Assim como em qualquer outro método. Não se resume apenas a isso. Ela tem o seu papel. Um papel essencialmente técnico gestual.

Kleber: Olha, tem algumas coisas que a Matriz abriu a minha mente de forma musical. Por exemplo. O estudo da Matriz abriu a minha mente para interpretar de diferentes formas os padrões de compasso compostos como o de 7, por exemplo. É diferente você pensar 2-2-3, que você pensar 2-3-2, ou você pensar 3-2-2. Soa diferente na música. Então a interpretação da música mudou. Uma outra coisa foi a questão da antecipação. É você estar lendo aqui pensando lá na frente. Não seria bem uma antecipação, mas uma projeção do que você vai fazer lá na frente. Até como cantor, hoje, eu já tenho esta facilidade. A minha leitura à primeira vista melhorou demais por causa dessa capacidade que a Matriz te dá de antecipação. Porque na realidade, a Matriz é uma antecipação. Ela é para que o seu movimento fique tão fluido que você consiga antecipar e fazer de forma natural. Porque a antecipação vem aqui na mente e não te pega no gestual, não te pega no susto. Na minha leitura à primeira vista de partitura ajudou demais, porque eu uso o mesmo processo mental.

Mariana: Eu acho que a postura, né? Postura do corpo, né. Sempre foi uma coisa muito essencial pra execução da Matriz. E a mão esquerda né? A gente sempre repousa a mão esquerda sobre o peito e, e isso é interessante porque não atrapalha o visual do músico, porque o músico precisa do mínimo de coisa ali pra atrapalhar ele, ele tá vendo tudo, né? Então se você faz uma coisa que não tem significado, isso atrapalha na execução. Então, repousar a mão, é como se você desse um descanso visual pro músico. Então ele não tá contando com aquilo, né? Eu vou tirar a mão pra uma coisa que ele precisa realmente naquele momento ele precisa. Então eu acho que essa é uma influencia, assim, que eu peguei.

Ivair: Meu tempo de Matriz é curto. Mas não é por ser um tempo curto que eu não tenho algo pra te falar a respeito disso. Embora esse tempo seja curto, eu tenho trabalhado muito com a Matriz e até tenho aplicado. Uma coisa que eu levo muito a sério na regência é a técnica gestual apurada. Então, como a gente falou aqui do desafio, né, da mudança, eu aceitei porque veio a ferramenta. E eu quis estudar e conhecer a ferramenta que no caso é a Matriz. E quando a gente estuda a Matriz, a gente vê que ela te dá possibilidades. Te dá caminhos pra você apurar a técnica, pra você avançar naquilo que você pensa, de forma mais ampla e mais segura. Ela te dá segurança, sabe, é uma ferramenta muito boa pra isso. Então eu comecei a fazer esse trabalho e tenho colocado como propósito de minha parte, levar adiante. Eu vejo a Matriz como uma ferramenta muito promissora na área da regência.

Simone: Eu acredito que não. Minha base é totalmente a Matriz. Eu sou 100% filha dela. Então eu acredito que tudo meu saiu dessa prática. Não sei se eu saberia te pontuar exatamente quais seria as outras influências.

Felipe: Acho que nada muito diferente do que foi falado durante toda a entrevista. Talvez uma única palavra que eu não tenha citado é a segurança. O estudo da Matriz gera uma segurança do regente tremenda, em poder comunicar com qualquer grupo musical, seja instrumental ou vocal. Muitas vezes a gente não consegue se preparar musicalmente, não consegue preparar uma partitura adequadamente. Mas é impressionante o quanto a Matriz consegue preparar motoramente e fisicamente o regente. Por exemplo, quando ele tem ali uma partitura que às vezes, não está bem estudada, por causa do estudo da Matriz que foi realizado previamente, faz que com que ele domine os gestos e consiga passar uma clareza e uma segurança, por mais que ele não conheça tanto a música dessa forma. Eu não defendo isso, lógico. Mas existem situações. Rola um convite em cima da hora. Você tem que substituir um maestro em um concerto para depois de amanhã. Você não está tão bem preparado, mas você leva a partitura pra ensaiar o grupo, né. E você precisa, pelo menos, realizar o trabalho. Precisa, no mínimo, bater os padrões corretos, né, conforme toda a construção gestual que a Matriz propõe. Então esse fator da segurança gestual é algo que eu acho que é bom citar.

4.5. Efeitos da prática da Matriz DJunker no aprimoramento da técnica gestual de regentes atuantes em Brasília.

Neste tópico, as informações descritas anteriormente foram analisadas de forma a destacar: as respostas em comum a cada questão, as diferentes opiniões, e destaques sugeridos pelos entrevistados. Assim, pode-se observar, através do texto, quais foram os efeitos da prática da Matriz DJunker no aprimoramento da técnica gestual dos regentes entrevistados.

Conforme visto durante o levantamento bibliográfico e a construção do referencial teórico utilizado neste trabalho, não há unanimidade exata acerca do que se trata uma 'boa técnica gestual'. No entanto, foi possível observar pontos convergentes nos diversos autores acerca de habilidades consideradas fundamentais para a técnica gestual tais como: eficiência; precisão e clareza nos gestos; amplo vocabulário gestual afim de melhor se comunicar; e as diferentes funções dos braços e mãos. Neste ultimo ponto, especificamente a mão direita como mantenedora do pulso e a mão esquerda responsável pelas entradas, corte e impressão das intenções expressivas da peça.

Os dados analisados a seguir, foram organizados na mesma ordem das questões da entrevista.

Na primeira questão, constatou-se que os entrevistados encontram-se em diferentes faixas etárias, assim como possuem diferentes tempos de experiência exercendo a regência. Desde Mariana, que atua a nove anos como regente, passando por todos até Ivair, que atua a 35 anos como regente e possui o maior tempo de atuação na área entre os entrevistados. Essa variedade de faixas etárias destaca que a Matriz não é um método de estudo específico para determinada faixa etária, ou determinado perfil de regente, como podemos observar em vários outros métodos dentro dos vastos campos da pratica e ensino musical. Mas pode provocar mudanças no gestual de qualquer regente que se disponha a seguir suas propostas de exercícios, independentemente da idade.

Na segunda questão observa-se que os regentes atuam também em áreas diferentes. Priscila, Kleber, e Simone, concentram sua atuação musical na regência de coros; enquanto que Mariana, Ivair e Felipe, apesar de também trabalharem ou já terem trabalhado com coros, possuem significativas práticas de regência orquestral ou de bandas.

Entre os regentes de coros destaca-se ainda a variedade de público, repertório e objetivos que cada um precisa trabalhar, adequando-os de acordo com as características do grupo regido. Coros com fins religiosos, coros de empresas e

órgãos públicos e coros com especificidades (como o coro Italiano, que canta apenas repertório em Italiano). Da mesma forma os regentes de orquestra, que atuam com diversas medias como orquestra sinfônica, orquestra de câmara e banda.

A terceira questão traz o ponto de vista dos entrevistados acerca da importância que dão ao tema técnica gestual, para a comunicação de suas intenções musicais. Pode-se observar que todos foram unânimes em afirmar que esse tema é de fundamental importância para o exercício da regência, a fim de que se estabeleça a comunicação na regência.

Felipe acrescentou ainda que, a técnica gestual, é o único modo do maestro se comunicar com os músicos. Sejam eles cantores ou instrumentistas.

Mariana considera a técnica gestual essencial. Segundo ela, a base para a regência. Sem a qual é impossível exercer a regência. Mas ressalta que não é mais importante que o conhecimento histórico, teórico e o conhecimento profundo da obra.

A questão quatro arguiu acerca da contribuição do referido método no desenvolvimento da técnica gestual. Todos foram unânimes concordando que a Matriz Djunker de fato contribuiu. Priscila e Kleber salientaram que o método serviu para disciplinar os movimentos das mão, braço e corpo a fim de realizarem a regência de forma consciente. Mariana e Felipe trouxeram outro ponto de vista, dizendo que a prática da Matriz trouxe clareza ao gestual. Ivair adiciona que, após ser desafiado, conseguiu passar a reger com a mão direita em apenas seis meses, através da Matriz DJunker; uma vez que, nos seus 35 anos de prática, sempre regeu com a mão esquerda.

As questões cinco e seis buscam fazer o levantamento de 'quanto' tempo e 'por quanto' tempo os entrevistados praticaram a Matriz DJunker. Priscila praticou a Matriz há 15 anos atrás, por volta de dois a quatro anos seguidos de prática. Simone praticou a Matriz há 13 anos atrás, por volta de três anos seguidos. Mariana há nove anos atrás, por volta de três ou quatro anos seguidos. Felipe há sete anos atrás, por volta de um ano e meio. Kleber há quatro anos atrás, por volta de quase três anos. E Ivair há 10 meses e continua estudando.

As questões ressaltam a variedade de tempo empregado no estudo do método de cada entrevistado, assim como, há quanto atrás os regentes praticaram a Matriz.

Sobre a questão sete, que fala especificamente da contribuição da Matriz DJunker para a independência de movimentos entre os membros superiores, todos os entrevistados foram unânimes ao afirmar que sim. A Matriz contribuiu para a independências das mãos direita e esquerda. Para Priscila, o método tem como foco desenvolver, no praticante, a consciência daquilo que cada mão está fazendo. Kleber ressalta que, a prática da Matriz resolveu o problema da regência espelhada pois, antes dela, o movimento de um braço era vinculado ao outro. Ivair traz novamente o exemplo da inversão de mãos na sua regência (regia os padrões com a mão esquerda e, através da Matriz, passou a reger com os padrões na mão direita) como maior exemplo de independência das mãos provocado pela Matriz.

Na questão oito, que falar da Matriz DJunker como ferramenta de auxílio no processo de assimilação dos padrões de compassos, também houve unanimidade. Todos responderam afirmativamente citando, também, trechos dos exercícios práticos como justificativa para suas respostas.

A nona questão busca saber se a Matriz DJunker contribuiu para ampliar o vocabulário gestual utilizado para comunicação dos regentes com seus liderados. Não houve unanimidade nesta questão. Priscila, Simone e Felipe disseram que não. Segundo eles, o propósito da Matriz está mais relacionado à independência e automatização dos gestos, servindo também para a correção de vícios e padronização consciente do gestual do regente. Simone e Felipe ainda acrescentaram que o vocabulário gestual parte de outras fontes como a observação de outros regentes, ou de associações extramusicais. Ivair relata que já possuía vocabulário gestual desenvolvido devido os anos de prática de regência antes da Matriz. Mariana afirma que a Matriz pode sim ampliar o vocabulário gestual, como um ponto de partida. Mais adiante, segundo ela, chega o momento em que o regente deve buscar desenvolver seu próprio vocabulário de gestos. Por fim, Kleber afirma que, por estimular a independência entre as mãos, a Matriz facilita a incorporação de qualquer outro elemento novo que o regente desejar pois, o praticante já terá desenvolvido coordenação motora para tal.

A questão de número 10 indaga se a prática da Matriz DJunker ajudou a tornar mais claro a comunicação gestual de suas intenções musicais. Todos os entrevistados foram afirmativos porém, em diferentes áreas e diferentes formas. Priscila considerou a pergunta particularmente difícil de responder pois, segundo ela, para entrar no campo da comunicação de intenções musicais, faz-se necessário sair

um pouco da rigidez do método. Por outro lado, o próprio método, proporciona ao regente a liberdade de sair do padrão para executar o movimento de alguma intenção musical e, mais a frente, retornar ao padrão quando for preciso. Da mesma forma acontece com relação às entradas. Não é preciso dar todas elas durante uma música, mas, caso preciso, a prática da Matriz te proporciona essa facilidade.

Já Kleber afirma que antes da Matriz, seus gestos eram indefinidos e possuíam significados ambíguos. Um mesmo gesto, em um momento significavam uma informação e, em outro momento, significavam outra informação diferente. Dessa forma os seus grupos não sabiam o que queria dizer. A prática do método trouxe a ele uma padronização dos gestos e, conseqüentemente trouxe uma clareza tal que, segundo ele, quem canta ou toca sob sua regência sabe exatamente o que deseja comunicar. Em alguns casos, nem a explicação verbal faz-se necessária quando está regendo um grupo novo. Apenas a gesticulação passa ao grupo todas as intenções musicais que ele almeja.

Mariana enfatizou que a Matriz DJunker traz a automatização dos gestos que, por consequência, traz ao regente mais liberdade para se expressar. Ivair, Simone e Felipe acrescentaram que a prática da Matriz desenvolveu maior clareza na condução dos padrões, como também dos sinais de entrada, cortes e dinâmicas realizados pela mão esquerda. Assim sendo, proporcionaram maior clareza na comunicação gestual das intenções musicais com os músicos.

A questão 11, busca averiguar se a Matriz DJunker auxilia na área da concentração e manutenção do foco durante a regência. Todos concordaram, afirmando que sim. Priscila Ivair e Felipe salientaram que o próprio formato dos exercícios da Matriz provoca o desenvolvimento dessas áreas, deixando o regente mais preparado para lidar com as várias camadas de raciocínio exigidas durante a performance. Isso porque, durante a realização dos exercícios, o praticante deve pensar em múltiplas tarefas tais como: saber em qual compasso está; qual o tempo correto da entrada seguinte, levando em consideração as suspenções de ciclo; nos compassos que possuem variação como os de cinco e sete, saber qual forma usar; tudo isso feito a tempo, sem pausas. Kleber e Simone citaram desenvolvimento em outros enfoques de concentração e foco como: a habilidade de não se desconcentrar com ruídos externos à música, e a habilidade de executar e memorizar peças com difíceis variações de compasso. Mariana aponta outro enfoque quando relata que, a automatização provocada pela prática da Matriz,

proporciona ao regente a habilidade de se concentrar e focar na realização musical, uma vez que os gestos acontecerão de maneira natural, evitando que o regente se distraia preocupado com a execução do gestual.

Sobre a questão 12, que pergunta sobre o desenvolvimento de diversas “linhas de pensamento” através da prática da Matriz DJunker, Priscila concorda e ressalta que a Matriz trabalha a consciência neuro-motora muito intensamente. Para Ivair, a independência gestual que se ganha com a prática da Matriz desenvolve no regente essa habilidade de criar diversas linhas de pensamento, mas, também é necessário desenvolver outras habilidades que se encontram fora da Matriz como por exemplo: auditar. Kleber aponta que tais habilidades não foram desenvolvidas apenas com a prática da Matriz mas, também, com o estudo conjunto das outras áreas da regência. Mariana e Felipe consideraram a questão semelhante à anterior uma vez que, para os entrevistados, a habilidade de desenvolver diversas linhas de pensamento está diretamente associada à concentração e foco.

Na questão 13, busca-se saber se os entrevistados ainda usam a Matriz como ferramenta para o aprimoramento da técnica gestual. Priscila, Kleber, Simone e Felipe afirmaram que voltam à prática da Matriz eventualmente, afim de corrigir algum problema específico, superar alguma dificuldade imposta por uma peça, ou mesmo apenas para retomar os estudos. Mariana afirmou que não volta a estudar o método mas considera válido o retorno.

A última questão abre um espaço para o entrevistado acrescentar outras informações acerca dos efeitos da prática da Matriz DJunker no aprimoramento da técnica gestual que achar relevantes e que não foram abordadas na entrevista. Aqui, Mariana acrescentou que a Matriz contribuiu para o aprimoramento da postura como regente. Kleber acrescentou que a prática da Matriz o ajudou a desenvolver a leitura à primeira vista, como também a interpretar de maneira mais clara os compassos a cinco e sete. Felipe acrescentou que a Matriz traz muita segurança para o regente. Mesmo em situações onde o regente não está completamente preparado para reger, por diversos fatores, a Matriz faz com que ele consiga transmitir clareza e uma segurança aos seus liderados. Segurança em habilidades básicas como, por exemplo, marcar o tempo.

Por mais que a entrevista, como ferramenta de pesquisa, tenha buscado abarcar um grande leque de informações, seria por demais pretencioso considerar que as respostas dos entrevistados sugeriram a totalidade dos efeitos provocados pela prática

deste método. Assim também, esta pesquisa não se propõe a isso. Mas, busca trazer à tona, sob a perspectiva dos regentes entrevistados, e tendo como base o referencial teórico levantado, informações acerca do impacto causado na prática gestual pela prática do método de estudo Matriz DJunker.

5. CONCLUSÃO

Ao longo da entrevista, percebeu-se que, apesar da riqueza e diversidade de respostas, todos os entrevistados foram unânimes ao afirmar que a prática da Matriz, de fato, contribuiu para o aprimoramento da técnica gestual, sendo um recurso de estudo efetivo para a automatização e padronização dos gestos. Principalmente no quesito domínio dos padrões e sua execução. Todos os entrevistados consideraram esse elemento como básico para a regência.

Outros aspectos nos quais também houve unanimidade entre os entrevistados foram com relação à: independência das mãos; concentração e manutenção do foco; e a clareza na comunicação gestual. Todos os entrevistados consideraram que a prática da Matriz ajudou a desenvolver estes aspectos, tendo como justificativa as propostas de exercícios que o método traz.

Durante as entrevistas, em diversos momentos, os entrevistados se referiram ao método como uma ferramenta pragmática de estudo para o desenvolvimento do gestual de forma racional, consciente, lógica e que trabalha não apenas o aspecto motor dos movimentos mas também os aspectos mentais de concentração e foco envolvidos nos exercícios.

Os regentes entrevistados foram escolhidos por atuarem em diferentes campos de trabalho dentro da regência. Outro ponto que vale ressaltar é que todos eles possuem diferentes faixas etárias e estão em distintos momentos em suas carreiras. Assim como, não existe um padrão de tempo de prática da Matriz entre os entrevistados. Todos esses fatores, de certa forma, enriquecem as respostas unânimes pois demonstram que os resultados proporcionados aos seis regentes aconteceram independente do contexto musical e profissional ao qual estavam inseridos.

Outro aspecto a se levar em consideração é que pode-se confirmar, no âmbito desta pesquisa, a múltipla aplicabilidade do método. Sendo, conforme se propõe a ser, aplicável a regentes de diversas áreas.

Na última questão, observou-se que dois dos entrevistados citaram outro efeito da prática da Matriz que não se associa diretamente à técnica gestual. Kleber e Felipe afirmaram que a Matriz ajuda no aprimoramento da leitura à primeira vista. Tal afirmação traz à tona o fato de que, sendo a prática da Matriz Djunker uma atividade neuro-motora, sua prática possivelmente implicará impactos em outras áreas que não apenas a da técnica gestual. Obviamente, esse seria assunto para uma outra pesquisa e, o recorte feito aqui visa também trazer a viabilização da execução deste trabalho através da delimitação do tema dentro do campo da técnica gestual.

Mesmo assim, segundo Kleber, essa melhora na leitura se justifica devido o desenvolvimento da habilidade de antecipação que a Matriz proporciona durante seus exercícios. Para Felipe, se justifica pelo fato da Matriz ser um exercício não apenas motor, mas também um trabalho mental onde há a necessidade de se pensar rápido aprimorando os fatores de lógica. Isso, segundo ele, faz com que a leitura à primeira vista também se desenvolva.

Por fim, este trabalho não teve como propósito avaliar a eficácia do método de estudo Matriz DJunker, ou mesmo trazer conclusões sobre este tema de forma generalizada. Para isso, seria necessário uma pesquisa de porte muito maior, envolvendo uma quantidade significativa de pessoas que estudaram através deste método, e provavelmente, uma outra ferramenta de pesquisa que proporcione a captação de dados mais objetivos com caráter mais quantitativo.

Pode-se considerar esta pesquisa como o início de um trabalho maior, fazendo-se necessário outros estudos sobre a Matriz DJunker a fim de traçar um perfil mais amplo acerca das habilidades que ela pode proporcionar na evolução do gestual dos regentes que por ela passam.

Aqui o objeto de pesquisa foi reduzido a seis (6) regentes, e o objetivo concentrou-se em avaliar, observando e analisando no microuniverso destes seis regentes, os efeitos da prática deste método.

Em termos gerais, pode-se concluir que a Matriz provocou o aprimoramento da técnica gestual nos regentes entrevistados de maneira variada. Apesar de serem levantadas diversas respostas unânimes, a abordagem com que cada regente

conduziu a prática do método, e a maneira como cada um chegou aos resultados arguidos, mostrou-se variada. No entanto, todos os entrevistados consideraram válido o estudo da técnica gestual através da Matriz, afirmando que o método contribuiu para o aprimoramento das áreas fundamentais para a técnica gestual levantadas e citadas neste trabalho.

Dessa forma, a Matriz DJunker, mostrou-se ser uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento da técnica gestual dos regentes entrevistados e seus efeitos foram ao encontro do que se busca na técnica gestual em regência, de acordo com os autores citados neste trabalho.

6. REFERÊNCIAS

BAPTISTA, R. Tratado de Regência: aplicada à orquestra, à banda de música e ao coro. 4º edição. São Paulo: Irmão Vitale, 1976.

BARRETO, C.B. Canto coral organização e técnica de coro. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1973.

BRANDAO, Jose Mauricio Valle, *Learning and teaching conducting through musical and non-musical skills: an evaluation of orchestral conducting teaching methods*. 2011. 297f. Dissertação de Doutorado – Lousiana State University and Agricultural and Mechanical College, Lousiana, 2011.

CAMPOS, M. C. A educação musical e o novo paradigma. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CARTOLANO, DECKER e KIRK, apud JUNKER, D.B. Técnica e Estética - Coleção Panoramas da Regência Coral. Brasília: Escritório de Histórias, 2013.

CHOKSY, L.; ABRAMSON, R.; GILLESPIE, A.; WOODS, D.; YORK, F. Teaching Music in the Twenty-first Century. New Jersey: Prentice-Hall Inc, 2nd edition, 2001.

DEMAREE, R.W.Jr.; MOSES, D.V. The Complete Conductor. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1995.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril, 1995.

JORDAN, J. The conductor's gesture: a Practical Application of Rudolf von Laban's Movement Language. Chicago: GIA Publications, Inc, 2011.

JUNKER, D.B. Técnica e Estética - Coleção Panoramas da Regência Coral. Brasília: Escritório de Histórias, 2013.

MATRIZ DJUNKER: Tratado teórico-prático sobre técnica gestual de regência.

David Junker. Brasília: Pennignton Produções Audiovisuais LTDA, 2014. 118 minutos, DVD, dual áudio (português/inglês), colorido.

McELHERAN, B. *Conducting Technique: For Beginners and Professionals*. New York: Oxford University Press, 2004.

REYES, Maria Cristina Deltregia; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. Reflexões sobre o termo “método”: um estudo a partir de revisão bibliográfica e do método para violoncelo de Michel Corrette (1741). *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 18, n. 24, p. 107-116, 2010.

SCHERCHEN, H. *Handbook of Conducting*. London: Oxford University Press, 1989.

Spitzer, John; Zaslav, Neal - *Conducting: In Grove Music Online*. Oxford Music Online. Disponível em:

<http://www.oxfordmusiconline.com/subscriber/article/grove/music/06266>. Acesso em:

7 de maio de 2018

ZANDER, O. *Regência Coral*. Porto Alegre, RS: Editora Movimento, 2008.

7. ANEXOS

ANEXO I – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Pq- Entrevista para pesquisa de mestrado com Mariana. Mariana, fala seu nome completo para a gente, por favor?

En- Mariana Borges Silva Menezes.

Pq- Há quanto tempo você atua como regente?

En- 9 anos.

Eq- Descreva com quais tipos de grupo você trabalha atualmente (coro, orquestra, banda, grupos de câmara, ou outros).

9 anos. Legal. Descreva com quais tipos de grupo você trabalha atualmente.

En- Atualmente orquestra e grupo de câmara.

Pq- Você pode falar um pouquinho da sua trajetória, o que você tem feito. Só os pontos de mais destaque. O que você considera que seja mais interessante na sua carreira até hoje.

En- Comecei estudando muito focado no coral, é focado em coral é, na universidade também é, nos estágios que a gente tinha e também comecei trabalhando na área de coro, porque é onde tinha mais oportunidades onde eu morava e assim fui vendo que não identificava tanto com coro por questões de gosto de repertório e tal. Então eu comecei a decidir em me especializar na área orquestral, em grupo de câmara, uma coisa mais instrumental mesmo, mesmo grupo de câmara e então eu fiz o meu mestrado especializado já na área orquestral. Então desde então eu tenho tentado focar, fiz minha especialização em São Paulo também mais para orquestra, apesar de ter umas poucas aulas de coro ali, e desde então tenho tentado focar a minha experiência nisso.

Pq- Para você, qual a importância da técnica gestual na comunicação de suas intenções musicais? Explique.

En- Essencial. Eu acho essencial, é, mais não mais importante do que o conhecimento histórico, teórico, o conhecimento é, profundo, né da obra dos motivos musicais e etc. É só que sem, com o essencial sem, sem a base é impossível né, então é a nossa base.

Pq- A Matriz Djunker contribuiu no processo de desenvolvimento da sua técnica gestual? Se sim, como?

En- Com certeza. Eu acho que depois da Matriz eu, eu tive um gesto mais claro, mais preciso e eu nunca parei *pra* pensar muito sobre isso, mais quando fui estudar fora é as pessoas apontavam que isso era uma qualidade da minha regência, então eu acho que influenciou muito positivamente, né, porque foi após alguns anos de estudo de Matriz, talvez quatro ou três anos de estudo de Matriz, então é ajudou a

ter mais clareza, ajudou a ter mais precisão e de pensar um pouco mais rápido né, quando a gente tem as entradas musicais e tal.

Pq- Durante quanto tempo você praticou a Matriz DJunker?

En- Acredito que quatro ou três anos. Talvez quatro, né? Por que quando a gente começa a estudar né, no terceiro ano. Acredito que por ai.

Pq- A Matriz DJunker contribuiu para a independência de movimentos entre as mãos direita e esquerda? Se sim, como?

En- Sim. É, acredito que sim, depois quando a gente chega num nível mais elevado na Matriz a gente começa a trabalhar com a gente começa a trabalhar com as dinâmicas, né, começa a trabalhar com essas coisas mais, um, um desafio a mais sempre, então eu acredito que sim, que ajudou com certeza.

Pq- A Matriz DJunker auxiliou no processo de assimilação dos padrões de compassos? Se sim, como?

En- Sim, é, tenho agora já mais claro na minha cabeça, né, é, o padrão *pra* cada, *pra* cada forma de compasso e também a possibilidade de, de variar com facilidade, né, que as vezes a gente encontra muita música contemporânea, muita música é, moderna, a gente encontra muita variação rápida, né, então eu acho que na parte instrumental me ajudou até mais do que na parte coral por a gente ter muita musica instrumental, muita música de câmara tem essa variação.

Pq- A Matriz DJunker contribuiu para ampliar o vocabulário gestual que você utiliza para comunicar com seus grupos musicais durante a regência? Se sim, como?

En- O vocabulário é, gestual? Você diz?

Pq- É. O vocabulário gestual é os movimentos que você usa *pra* passar informações quaisquer.

En- Uhum.

Pq- Seja *pra* mostrar *pra* eles o andamento, seja para mostrar uma dinâmica, seja para mostrar uma entrada e enfim, o que você necessitar comunicar a eles.

En- De certa forma ajudou, mas eu acho que depois você se aprofunda você acaba criando seu próprio vocabulário, então essa base com certeza ajudou né, ajudou a dar partido. E depois é, eu comecei a encontrar o meu próprio vocabulário, acho que cada regente chega nesse momento.

Pq- A pratica da Matriz DJunker ajudou a tornar mais claro a comunicação gestual de suas intenções musicais como interprete? Se sim, como?

En- Sim.

Pq- O “como” é porque, assim é, porque que você acha?

En- Eu acho porque a gente cria também uma automatização é, da, da, quando a gente pega o domínio da Matriz e pega o domínio do gesto, da base do gestual a gente tem mais liberdade *pra* expressar, então eu acho que depois disso automatizado, depois disso mais internalizado eu tive mais liberdade *pra* me expressar, então dessa forma sim.

Pq- A Matriz DJunker auxiliou na área da concentração e manutenção do foco durante a regência? Se sim, como?

En- Acredito que sim, exatamente pelo mesmo motivo da automatização, da internalização. Quando você tem o domínio da, do gestual, é você consegue se focar na música em si, então acredito que nesse sentido e também poder escutar, né, porque quando a gente rege a gente precisa escutar muito bem que tá acontecendo em tempo real *pra* modificar, né. Você escuta, faz uma avaliação ali naquele momento e já, é, e você já tem que tomar uma atitude, né, e já corrigir o que precisa, então isso é muito difícil. Quando, quando você tem o gesto, o domínio gestual técnico bom você não tem que se preocupar com ele. Então eu acho que a

prática depois da Matriz ela te ajuda, né, a ter esse domínio e aí você consegue focar no ensaio, o que você tem que dizer, o que você tem que ouvir, muito mais do que precisa, né, ensaio até mais do que a apresentação.

Pq- A prática da Matriz DJunker o ajudou a desenvolver várias “linhas de pensamento” durante a execução musical?

En- Sim.

Pq- Você ainda usa a Matriz DJunker como ferramenta para o aprimoramento da técnica gestual? Em que contexto?

En- Talvez como uma sombra assim, né, ficou internalizado, mas eu não volto à Matriz, mas eu consideraria voltar algumas vezes sim. Inclusive é, tem um conhecido que é um músico de primeira assim, fantástico, e ele nunca estudou técnica gestual, é, *pra* valer. Ele teve pouca informação. E ele já entrou na carreira, é ele nunca teve tempo *pra* isso na verdade e um bom dia eu passei para ele a Matriz e ele gostou muito porque ele precisou, sentiu a necessidade de ter uma, uma coisa bem mais clara para reger, *pra* ajudar os músicos, porque a música na cabeça dele estava muito clara mas ele não estava conseguindo se expressar, pros músicos, né? Então ele estudou a Matriz. Então eu acho que sim, vale a pena voltar, né. Vale a pena voltar.

Pq- Você então vê a Matriz como uma forma de resolver esse, esse problema que você falou do seu colega?

En- Essa lacuna. Isso.

Pq- Houve outras influências da Matriz DJunker na sua prática como regente? Se sim, fale sobre.

En- Eu acho que a postura, né? Postura, corpo, né, você, sempre foi uma coisa muito essencial *pra* execução da Matriz e a mão esquerda né? A gente sempre repousa a mão esquerda sobre o peito e, e isso é interessante porque não atrapalha o visual do músico, porque o músico precisa de mínimo de coisa ali *pra* atrapalhar ele, ele tá vendo tudo, né? Então se você faz uma coisa que não tem significado isso atrapalha na execução. Então é, repousar a mão é como se você dá, desse um descanso visual pro músico. Então ele não tá contando com aquilo, né? Eu vou tirar a mão *pra* uma coisa que ele precisa realmente naquele momento ele precisa. Então eu acho que essa é uma qualidade, assim, que eu peguei.

ENTREVISTA 2

Pq- Entrevista para pesquisa de mestrado com Simone. Simone, você pode falar para a gente o seu nome completo, por favor?

En- Simone Resende Moraes Teixeira.

Pq- Há quanto tempo você atua como regente?

En- Desde 2001. Então, 17 anos.

Pq- Descreva com quais tipos de grupo você trabalha atualmente (coro, orquestra, banda, grupos de câmara, ou outros).

En- Eu trabalho dentro de, da minha igreja, que é a igreja presbiteriana nacional, eu trabalho com 7 corais, de faixas etárias, tem o coro de crianças, adolescentes, jovens, jovens/adultos, grupo masculino, grupo vocal feminino e um coro misto adulto. Além desses, eu tenho trabalhado com corais de empresas, atualmente coral do Banco do Brasil, coral do SICOB. É atualmente é isso. E dentre esses corais, eu

estou sempre na regência de quase todos eles, ou então fazendo arranjos. E aqui na igreja também tem um grupo instrumental, não é uma orquestra, mas compõe de quarteto, madeiras e dois metais, então acaba sendo um grupo, uma “cameratinha”, assim.

Pq- Para você, qual a importância da técnica gestual na comunicação de suas intenções musicais? Explique.

En- É fundamental. Porque transmite o que eu quero passar para eles, né. Tudo que eu consigo, porque aqui, principalmente aqui, no, vejo muito na regência orquestral, é as vezes a gente não consegue ter um ensaio que a gente desenvolve, né, o contato físico, o contato mesmo visual com as pessoas, de conversar, “aqui eu quero assim”, “aqui eu quero assado”. Então com eles basta, com o gesto, eu consigo me expressar. As vezes a gente só faz aquele repasse antes do culto, as vezes nem passa, né, aqui ultimamente tem sido assim. Pelo, pela qualidade do gesto a gente consegue se entender perfeitamente.

Pq- A Matriz DJunker contribuiu no processo de desenvolvimento da sua técnica gestual? Se sim, como?

En- A minha técnica gestual é totalmente baseada na Matriz DJunker. Porque foi o que eu estudei. Eu nunca tive outro contato com outro tipo de regência. Depois que eu me formei, sim, né, tendo contato com outros regentes posso até ter sofrido alguma influência, mas para mim ela contribuiu 100% no meu processo de desenvolvimento, porque foi só ela mesmo.

Pq- Há quanto tempo você estudou regência através da Matriz DJunker?

En- Que eu parei *pra* estudar, né, desenvolver os exercícios, foram durante, acho que durante os semestres lá que eu estava estudando na UnB. Talvez em 2003, 2004 e 2005, foram nos meus últimos 2, 3 anos. Eu entrei em 2000 e formei em 2005, né. Então talvez assim, 2005 foi quando eu acabei.

Pq- De 2005 para que tem 13 anos.

En- 13 anos.

Pq- Durante quanto tempo você praticou a Matriz DJunker?

En- Foram, então, desde regência 1, que deve ter sido. A, eu acredito que uns 3 anos? Deve ser por ai. Que assim, que eu realmente estudei foi isso.

Pq- A Matriz DJunker contribuiu para a independência de movimentos entre as mãos direita e esquerda? Se sim, como?

En- Contribuiu 100%. Até hoje, quando eu estou regendo, eu tenho na minha mente que eu preciso ter independência, principalmente em relação a cortes e entradas e crescendo e decrescendo. Isso daí *pra* mim é o que mais me influenciou. Então, aí ela contribuiu porque realmente eu tive que praticar, né, esse movimento de independência, porque a minha tendência antes era fazer regência espelho, né. Acho que talvez a maioria que não tem esse estudo acaba fazendo. E aí com a Matriz eu tive que me desprender. E até hoje, até hoje, sério, toda vez que eu estou regendo, se eu me pego fazendo (bater de mãos), aí eu já lembro, já largo a minha mão, porque realmente é uma coisa, né, mesmo depois desses anos todos é uma coisa que nunca saiu da minha cabeça.

Pq- A Matriz DJunker auxiliou no processo de assimilação dos padrões de compasso? Se sim, como?

En- Com certeza. Porque é, na verdade me ensinou a fazer, né, esses padrões, é, os movimentos tanto do lado direito e principalmente do 5 e do 7, que eu fazia menos, e as subdivisões também, é, por conta dessa Matriz, antes eu fazia de um jeito bem diferente. E com a Matriz eu consegui entender realmente como é que eu ia fazer, principalmente eu lembro que na época, quando eu comecei a estudar, eu

tinha, não vou lembrar agora qual era a cantata, devia ser a “Vivo Está”, que tinha um 6 por 4, acho que era. E eu quando comecei aqui, eu caí direto nessa cantata, sem saber nada, só, era uma coisa muito intuitiva. E realmente, a partir do momento que eu entendi aquela Matriz eu falei: “gente, aquilo dali foi um divisor de águas”. Inclusive, eu consegui fazer com que as pessoas me entendessem, né? Então, *pra* eu conseguir me encontrar dentro do compasso, entender os tempos mais fortes, essa Matriz aí pra mim foi realmente uma salvação.

Pq- A Matriz DJunker contribuiu para ampliar o vocabulário gestual que você utiliza para se comunicar com os seus grupos musicais durante a regência? Se sim, como?

En- Bom, o vocabulário gestual, não sei, talvez, *pra* mim o que a Matriz realmente foi influência para mim foi na forma de marcação de compassos, né, de marcar o pulso, de, principalmente entradas, saídas, cortes e o crescendo e o decrescendo. *Pra* mim foi isso, agora sim, dentro do meu vocabulário gestual, né de expressão, talvez a Matriz não tenha me ajudado muito não. Mas realmente o, foi mais nessa parte de manutenção, né, de pulso. Foi mais isso. Acho que o vocabulário gestual, ele mudou muito depois que eu comecei a trabalhar com o outro, começando a ver outros regentes, trabalhar pelas minhas pesquisas de cantar com outros corais, eu acho que isso me influenciou muito mais que a Matriz.

Pq- A prática da Matriz DJunker ajudou a tornar mais clara a comunicação gestual de suas intenções musicais como interprete? Se sim, como?

En- Sem dúvida. Com certeza, por conta dessa Matriz que eu consigo fazer, hoje eu marco, até mesmo...(tu vai falar exatamente o que eu for falar? Você vai ter que escrever tudo que eu for falar, exatamente? Por que eu ia falar de outros regentes e não vou falar não.)

Pq- Você pode falar “um regente conhecido”, não tem problema.

En- É, porque assim, cantando, trabalhando com regentes conhecidos que não tiveram esse contato, né, são muito mais velhos, muito mais experientes, mas quantas vezes já aconteceu de eu realmente parar com a pessoa, dá um toque, influenciado, baseado na Matriz, e a pessoa “olha, é mesmo”, realmente funcionando, exatamente como eu fiz na Matriz, sabe? E aí é, porque ele realmente clareia, ele é muito mais facilitador do que qualquer outro tipo de gesto. Então eu acho que isso é legal.

Pq- A Matriz DJunker auxiliou na área de concentração e manutenção do foco durante a regência?

En- Na minha concentração?

Pq- Isso, na concentração, na sua concentração, na sua manutenção do foco, durante a regência? Se sim, como? Essa pergunta tem a ver com uma série de exercícios da Matriz que trabalha a, o próprio exercício, a natureza do exercício da Matriz, né, que você precisa reger, você precisa contar, você precisa prestar atenção no compasso, precisa dar entrada no ciclo do tempo certo, então a pergunta é para saber se essa prática da Matriz é, te ajudou a você a manter a concentração e foco durante a regência que também acaba tendo que usar habilidades semelhantes na prática musical.

En- Olha, eu acredito que sim. Eu nunca parei para pensar nisso, mas sim. É, no meu meio, assim, as músicas que eu trabalho, não são assim difíceis, então assim, eu não tenho grandes desafios, é, de compassos e tudo, então, não é difícil de me concentrar, na verdade., *pra* te falar bem a verdade, eu não tenho assim. É muito mais quando eu estou cantando fora, que eu não estou regendo aí sim, é, tem uma música que a gente tá fazendo agora que é um terror. Um terror de compassos e eu só consegui cantar essa música, só consegui decorar por conta da Matriz. Mas

assim, não era eu regendo, mas sim cantando, mas o negócio totalmente interno, eu me concentro naquela música, ela chama “Salmo de Alabanza”, é que a gente tá cantando com o “Cantus”, não sei se você já teve a oportunidade de ver. Acho que é a coisa mais difícil que eu já vi. Sério. Em relação a essas mudanças e tudo, a polirritmia e tudo assim, então, é a música que, *pra* mim foi muito desafio, né, e realmente nesse caso, eu, nos meus estudos, apesar de eu não ser a regente, eu estudando essa música, eu estudava como se eu estivesse regendo, e a Matriz realmente me ajudou 100%. Então assim, é o que eu posso dizer ‘e que na minha concentração, até hoje quando eu tô cantando, né, a gente teve concerto anteontem, eu fico aqui, no meu entendimento interno, aqui, eu tô junto com essa Matriz.

Pq- O “aqui” ela bateu na perna para marcar. A prática da Matriz DJunker te ajudou a desenvolver as “várias linhas de pensamento” durante a execução musical?

En- Eu não sei se essa prática me ajudou na atenção do que está acontecendo durante a regência total, ali né? Não faço nem ideia. Realmente eu não sei se me influenciou. Porque na época, na UnB, eu fiquei muito na regência coral, eu comecei a trabalhar mesmo com os dois, ou então com regência orquestral, só de músicos, eu nunca regí só músicos, por exemplo, sem ser com coro, a minha vida sempre aliada a coro, na UnB eu não tive essa prática.

Pq- Você ainda usa a Matriz DJunker como ferramenta para o aprimoramento da técnica gestual? Se sim em que contexto?

En- Eu uso. Eu uso em algumas músicas que eu preciso, né, de variação de compasso, principalmente, quando eu tenho variação de compasso eu uso nos meus estudos pessoais e aqui na igreja eu tenho outras duas meninas que me ajudam, na verdade assim, eu sou a ministra e eu tenho, duas, elas não são nem regentes, assim, só ficam, auxiliares, eu preparo tudo e elas estão ali a frente para eu não ter que ir em todos os ensaios. E aí eu trabalho com elas a Matriz, *pra* elas terem uma noção de como, como está ali né, como ajudar o pessoal a entender melhor as entradas delas mesmas, até pelo desenvolvimento delas, passei o Dvd *pra* elas, passe, então assim, na verdade foi meio que uma imposição minha que elas tivessem esse contato, pelo menos *pra* ter uma noção dessa técnica gestual. Então é dessa forma que eu uso a Matriz.

Pq- Houve outra influência da Matriz DJunker na sua prática como regente? Além dessas que a gente conversou? Esse é um espaço que você tem *pra* falar algo que a gente deixou de falar. Fique à vontade.

En- Eu acredito que não tenha nada. Minha base é totalmente essa Matriz, eu sou 100% filha dela. Então eu acredito que tudo meu saiu dessa prática. Não sei se eu saberia te pontuar exatamente quais são as influências.

ENTREVISTA 3

Pq- Entrevista para pesquisa de mestrado com Ivair. Ivair, por favor, me fale o seu nome completo.

En- Ivair Gomes da Silva.

Pq- Há quanto tempo você atua como regente?

En- Falar aqui do tempo que eu atuo como regente, eu vou ter que muito aí atrás no tempo, voltar bastante é que trabalhar efetivamente à frente, organizando, dirigindo

um grupo, isso eu já faço desde meus 15 anos de idade, quando eu comecei a estudar música. E como eu te digo, porque essa época e voltar tanto assim, é porque sempre trabalhei, meus primos, né, meus amigos, a família de músicos, então a gente trabalhava com as escolas. E nas escolas eu tive oportunidade de formar em diversas escolas, essas bandas marciais de escola, e ali já nessa época eu conseguia compor dobrados *pra* banda de escola, né, e comecei trabalhando muito ali, então a gente tinha que reger, coordenar, aquela coisa toda de uma apresentação de uma banda de escola. Então a gente conseguiu ali bons resultados desde essa época. Daí *pra* diante, é, eu sempre trabalhei e desenvolvi a minha música, iniciei meu estudo de música na igreja, né. Na igreja a gente teve oportunidade de trabalhar com vários grupos de igreja que tem um trabalho de regência não tão expressivo e não tão, não é uma coisa assim tão cobrada, né? É mais uma coordenação musical do que uma regência, mas enfim, mais adiante a gente começou a trabalhar com coral de igreja, então assim, comecei já com os meus 20 anos de idade, comecei a trabalhar com os corais dentro da igreja. Ai eu já tinha uma formação musical já um pouco melhor e comecei a trabalhar com coral de igreja, a gente trabalhou durante muito anos da minha vida eu tenho trabalhado com coral, formação de coral em alguns locais que não tinham coral, a gente começa do zero, e é muito legal você ver as pessoas que as vezes não tem a noção de trabalhar com vozes, então você vai fazendo um trabalho e ai você tem um resultado com coral cantando, isso é muito bom e daí *pra* diante a gente começou a trabalhar também dentro da igreja com banda e a orquestra, né, aliás a orquestra e o coro, melhor. A orquestra e o coro, então a gente já, desde longas datas aí, até hoje eu trabalho na igreja, desenvolvendo um trabalho de orquestra e coro e atualmente tô aqui em Taguatinga, né, então em Taguatinga a gente tem uma orquestra até muito boa, muito grande, hoje nos estamos aí com em torno de 74 componentes na orquestra lá da igreja, uma orquestra muito boa. Então a gente vem trabalhando, alguns iniciantes ali, a gente vai começando vai ajudando, desenvolve um bom trabalho. E a gente tem também um coral, né. O coral tem seu regente e hoje a gente desenvolve dentro de todo o campo, né, a gente tá preparando uma grande orquestra, um grande coral, né. A gente tá fazendo esse trabalho.

Pq- Então você calcula quanto tempo, mais ou menos, que você começou a reger? Você falou que desde os 15 anos, mas como eu não sei a sua idade (risos).

En- Vou botar aí o tempo. Hoje eu estou com 50, né. Não é pouca idade, mais ou menos ai uns 35 anos de atividade, né. De atividade musical regendo e sempre, por incrível que pareça, sempre tive a frente de um grupo. Desde meu início ali, quando eu comecei e, depois dos meus primeiros três anos de estudo de música eu assumi frente de um grupo, né. Então, eu sempre tive a frente de um grupo. Antes da minha formação musical de fato, eu comecei com escolas, né, e não fazia na área militar ainda, então é ali com 15, 16 anos, né, porque eu comecei muito novo tocando nessas bandas, então a gente pegou uma tarimba muito rápido, né, e aí eu sempre tive a frente, né. Tanto que eu tenho amigos e parentes que até hoje faz esse tipo de trabalho com banda de escola, né. É, e depois, mais adiante, aí vem as forças armadas, onde eu comecei a, eu trabalho também, eu ingressei com 18 anos, né, e tô até hoje, já estou com 30 anos de serviço, e nas forças armadas a gente vem fazendo esse trabalho com, ao longo do tempo, né, não efetivamente a frente, mas, aí voltando aí de uns, cerca de 7 anos atrás a gente efetivamente começou a trabalhar a frente, né, também nas forças armadas, é regendo, fazendo um trabalho mais efetivamente a frente da banda.

Pq- Descreva com quais tipos de grupo você trabalha atualmente (coro, orquestra, banda, grupos de câmara, ou outros).

En- Atualmente, vou começar hoje, hoje, né, no dia de hoje a gente tá trabalhando com orquestra da igreja, né, é a orquestra “Adoração”, onde a gente, eu trabalho juntamente com o maestro Adilson, que é do corpo de bombeiros, a gente trabalha com a orquestra “Adoração”, a gente também auxilia ali o coral da igreja, a gente montou lá um trabalho que a gente chama de “coral escola”, né, onde a gente leva aquelas pessoas que querem ingressar no coro da igreja, então a gente faz ali uma escola, *pra* que ele primeiro venha a entender o ambiente, coral né, como cantar em coro, como cantar em grupo, então a gente faz toda aquela preparação, numa transição *pra* que esse indivíduo futuramente venha fazer parte do coral da igreja. Então a gente está com esse trabalho desenvolvendo, que é o trabalho da “coral escola” e também junto com o “coral escola”, a gente tá agregando agora com o curso de regência que a gente tem lá na igreja, que é um trabalho que já é desenvolvido, agora a gente vai agregar esse curso de regência junto com o “coral escola”. É um projeto do maestro Sebastião Divino, que é também um aluno da universidade de Brasília, né, já veterano, é, então a gente tá pegando esse trabalho do maestro Sebastião Divino e agregando junto com o “coral escola”, onde os regentes, né, que os alunos de regência vão ter também o coral escola como laboratório, *pra* poder a gente estar agregando com forças aí, desenvolvendo esse trabalho. E, atualmente, eu sou regente titular da banda da marinha, do grupamento de fuzileiros navais, né, aqui em Brasília. E, esses são os trabalhos que efetivamente que a gente vem desenvolvendo atualmente.

Pq- Para você, qual a importância da técnica gestual na comunicação de suas intenções musicais? Explique.

En- A comunicação da técnica gestual ela é, vamos dizer assim, tudo, né. Porque ela tem que ser muito clara, bem correta, bem entendível *pra* que o grupo em si entenda com clareza momentos, por exemplo de uma peça musical, como crescendo, decrescendo, corte, entradas, *pra* que isso fique bem justo, né, *pra* que isso fique bem correto, a técnica gestual tem que estar apurada, tem que estar certinha, e bem clara para quem é executante.

Pq- A Matriz Djunker contribuiu no processo de desenvolvimento da sua técnica gestual? Se sim, como?

En- Bom, a resposta é sim. E aí o como é, o como ele é, ele fica bem claro por causa do exercício que a Matriz propõe. A proposta da Matriz é uma ferramenta bem técnica né, é ela procura colocar o gestual bem em ordem. Você pega os movimentos padrões dos compassos, você procura botar eles bem correto, fazer ele bem justo, bem certinho, bem acertado. Então você trabalha isso com a sua mão direita e faz uma coisa bem correta e aí, Thiago, eu abro um parênteses, porque eu quando comecei a trabalhar com a Matriz DJunker com o maestro David Junker. (interrupção).

Pq- Retomando a entrevista.

En- Bom, como eu tava dizendo, eu quero abrir aqui um parênteses, porque quando eu comecei efetivamente a trabalhar com o maestro David Junker, e eu aceitei um desafio que ele me fez. Ele fez um desafio, né, porque todo esse meu tempo de regência, de trabalho a frente, ele foi com todos os professores que eu tive de regência, eu sempre trabalhei regendo com a mão esquerda. Se pegar qualquer áudio, qualquer vídeo, que eu tenho, áudio não, é vídeo que eu tenho, regendo a frente de um grupo você vai ver que é, a mão que domina é a esquerda. E o maestro Junker então, ele me fez esse desafio de mudar, né, *pra* passar a reger com a mão

direita, né, a batuta na mão direita. E aí, eu aceitei o desafio, achei, é, uma tarefa muito desafiadora, *pra* mim por causa dos longos anos aí regendo, né, de outra forma, mas aceitei o desafio. E tem sido gratificante. Eu consegui em pouco tempo é, eu digo *pra* você, meio que em 6 meses eu consegui é, um resultado fantástico. Então isso daí eu devo a Matriz, né? Como eu estava dizendo, e aí *pra* a gente mudar é uma dificuldade, porque a gente tem o hábito de fazer um trabalho com uma mão, né, e a outra mão, falo os trabalhos entre as duas mãos eles são invertidos e aí você tem que trabalhar toda essa mudança. Então eu consegui isso num tempo recorde. Eu achei que *pra* mim foi um tempo recorde de hoje tá, eu sei que tenho muita coisa para trabalhar, *pra* ajustar, *pra* ficar melhor como eu realmente gostaria que ficasse, e eu tô conseguindo. Porque eu tô progredindo, é com, utilizando a Matriz. Então eu tô conseguindo fazer essa mudança. É uma proposta que a Matriz traz e que é como ferramenta de trabalho do gestual, da técnica de regência ela resolve muito rápido, e isso foi bom *pra* mim.

Pq- Há quanto tempo você estudou regência através da Matriz DJunker?

En- Bom é, contando de hoje, 6 meses, a gente tá aproximadamente com cerca de meses, 8, não, mais, 10 meses mais ou menos. Tá aí de 10 meses. Ainda não tem um ano trabalhando com a Matriz DJunker.

Pq- Durante quanto tempo você praticou a Matriz DJunker?

En- É, então, é como eu te digo, é do início do mestrado, né. Como eu te falei, a gente iniciou no mestrado aqui na universidade de Brasília, e, o meu orientador do mestrado é o David, né, David Junker, e ele fez essa proposta no início do mestrado. Ai ele me apresentou a Matriz no início do mestrado, então, desde o início do mestrado eu trabalho com a Matriz.

Pq- Você ainda está trabalhando com a Matriz?

En- Acho que todos os dias. Eu gosto muito do exercício da Matriz e, a gente procura variar ali os exercícios, né, as propostas que o maestro David vai fazendo em cima da Matriz, a gente vai trabalhando com ela, variando. O resultado é muito bom, e eu pretendo até trazer ela *pra* gente fazer um trabalho mais efetivo dentro da marinha.

Pq- A Matriz DJunker contribuiu para a independência de movimentos entre as mãos direita e esquerda? Se sim, como?

En- Bom, eu acho que eu até já falei, que, *pra* mim essa resposta ela é muito mais é, como é que eu diria, mais rica, ou muito mais significativa, porque ela mudou. Ela proporcionou mudança de uma mão *pra* outra. Ela foi, é, muito mais desafiadora, você está me entendendo? A gente já tem a ideia dum trabalho, de uma proposta de conseguir fazer todo um trabalho com a mão esquerda, né. E aí o desafio foi inverter isso. Então a inversão, ela foi, ela se colocou como um desafio muito grande que a gente tá vencendo.

Pq- A Matriz DJunker auxiliou no processo de assimilação dos padrões de compassos? Se sim, como?

En- (risos). Deixa eu até falar aqui, o que é legal na Matriz, né. Até *pra* quem é, passa a praticar a Matriz. A Matriz ela trabalha muito bem o processo que o regente tem ao reger uma peça, entre, na verdade, não focado na peça, mas na preparação do regente em si, no gestual do regente, né. A gente coloca a peça de lado e a gente trabalha é, aquelas questões do padrão, né, padrão dos compassos a gente consegue fazer ele muito bem, bem definido, a Matriz te propõe isso. E ela também te dá a proposta de quando você vai trabalhar com a mão esquerda toda aquela movimentação expressiva que você precisa fazer com a mão esquerda de crescendo, decrescendo, entradas, chamadas, enfim, toda essa expressividade que

você precisa ter com a mão esquerda, a Matriz ela coloca isso no lugar. Como? Porque ela te leva a prática de uma independência entre uma mão e outra, entendeu? Então, esse exercício ele é muito claro na Matriz, é muito acentuado. E foi isso que me levou a conseguir esse resultado da inversão, né. Você vê que de longos anos em meses agora eu mudei. É fantástico.

Pq- A Matriz DJunker contribuiu para ampliar o vocabulário gestual que você utiliza para comunicar com seus grupos musicais durante a regência? Se sim, como?

En- Bom, como eu te falo aqui a respeito do vocabulário musical, o vocabulário gestual, a gente já tinha, como eu te digo, devido ao tempo, com a maturidade que a gente já tem trabalhando, a gente já tem assim uma, todo um vocabulário formado, uma bagagem formada, é, além da, dos professores, em si que a gente tem, a gente aprecia outros, observa vídeos, e fim, uma série de coisas, mas como eu te digo, o mais desafiador *pra* mim, no meu caso, em particular, que eu acho que é até interessante, é a inversão. Como trazer isso *pra* inversão. Como inverter e conseguir fazer isso. Porque você fazer com a mão esquerda, como eu já estava fazendo, *tava* pronto, e aí agora ter que desfazer tudo isso e inverter *pra* outra mão. Então, nessa hora aí a Matriz ela tá contribuindo, né, *pra* essa inversão.

Pq- A pratica da Matriz DJunker ajudou a tornar mais claro a comunicação gestual de suas intenções musicais como interprete? Se sim, como?

En- Sim, sim. Porque, como a gente fala, ela trabalha, é a individualidade entre as mãos, né. Então, como você trabalha isso com mais rigor, né, e o rigor é tudo no estudo, né. Quando você se propõe a estudar, a melhorar e alguma área qualquer que seja, você tem que procurar ser rigoroso. Então, é, até como militar a gente procura muito isso, né. A gente tem que aprimorar a técnica, seja ela qual for, tem que ser uma coisa muito bem acertada, muito bem clara, é, e a Matriz ela dá, ela te dá esse caminho dentro da técnica gestual de regência.

Pq- A Matriz DJunker auxiliou na área da concentração e manutenção do foco durante a regência? Se sim, como?

En- Bom, deixa eu te dizer aqui, é sim pelo aspecto do preparo. Esta resposta ela é “Sim” pelo aspecto do preparo. Então quando você vai se preparar como regente, *pra* individualidade entre uma mão e outra, você faz as coisas de forma bem acentuada, ou seja, você tem um foco muito grande no que tá acontecendo entre uma das mãos e a outra, ou seja, o que você faz com a batuta e o que você faz com a mão esquerda para indicar a expressividade. Então a Matriz ela faz você focar na individualidade entre uma mão e outra, então você procura fazer as coisas é, com esmero, mais exagerada aquela coisa né, *pra* ficar bem claro o que tá acontecendo, entre uma mão e outra. Agora quando você, o que se precisa, é você levar isso *pra* uma obra. Quando você leva isso para uma obra, aí você tem os movimentos até bem definidos, o que eu sinto mais agora, preciso até, é uma proposta minha de conversar com o maestro David Junker de trazer esse exercício Matriz *pra* efetivamente aplicá-lo dentro de uma obra. A praticar a Matriz usando uma determinada obra, onde você consegue explorar tudo que você tem como exercício da Matriz. Aquele exercício individual, parte de um contexto, dentro de uma obra.

Pq- A pratica da Matriz DJunker o ajudou a desenvolver varias “linhas de pensamento” durante a execução musical?

En- Bom, a resposta ela, talvez não seja “sim” essa resposta, ela seja “não”. Porque tá individual. Mas que que eu coloco talvez e não digo *pra* você efetivamente “não”. Eu digo *pra* você “talvez” pelo seguinte, é como andar de bicicleta, né, quando você começa a aprender a andar de bicicleta você se prende a... (interrupção).

Pq- Continuando a entrevista. A prática da Matriz DJunker o ajudou a desenvolver varias “linhas de pensamento” durante a execução musical?

En- Bom, como a gente estava falando aqui, eu te respondi, falei que “sim”, mas “sim” e “não”. Sim porque, deixa eu te falar, a prática da Matriz como eu estava falando ela te, eu cheguei a falar contigo aqui sobre andar de bicicleta, não foi? Então é, como eu vou te dizer, quando você está aprendendo né, a andar de bicicleta, que seja, igual quando você está aprendendo a tocar, o início, você tem umas preocupações com as coordenações, igual bateria, piano, você tem uma preocupação com as coordenações, e essa preocupação ela não deixa você ver outras coisas. Agora a prática da Matriz ela vai te proporcionar essa independência. Então você vai ganhar com o tempo uma independência no teu gestual que vai sim te proporcionar uma liberdade *pra* você ter atenção em outras coisas. Então por isso eu digo isso, entendeu? Agora, quando a gente fala de música, essas outras coisas dentro da área musical, elas também vão estar, elas, e aí eu vou, agora eu vou partir para o “não”, porque *pra* você conseguir ter essa, esse foco e observar e sentir essas outras pendências dentro da área musical, ai você vai ter que praticar isso fora da Matriz. Auditar, você vai ter que praticar fora da Matriz. Não envolve Matriz, auditar não envolve Matriz. Tá, andamento tudo bem, a Matriz vai te dar a liberdade no gestual, mas isso vai ter que a prática com o tempo vai te permitir sentir o andamento correto, então não vai ser a Matriz que vai fazer isso, né. Mas a Matriz ela vai te permitir a ter a facilidade de focar a sua atenção nessas outras partes por causa da independência que você acaba ganhando com o tempo de prática dela.

Pq- Você ainda usa a Matriz DJunker como ferramenta para o aprimoramento da técnica gestual? Em que contexto?

En- Eu até já te respondi isso, já falei lá no início que eu até hoje eu pratico e eu tô fazendo ainda a inversão, né, e por conta da inversão eu tenho praticado bastante, né. Até porque eu estou exposto a Matriz há pouco tempo.

Pq- Ivair, uma pergunta já pensando nas respostas que você me deu, porque que você quis inverter a sua regência de a tanto tempo praticada com a mão esquerda? Porque você quis mudar a regência?

En- Thiago, essa pergunta ela é interessante porque é uma coisa que eu vou te falar desafio é uma coisa que eu acho muito interessante. O maestro fez um desafio, né, se eu conseguiria, e tal e aí veio aquela coisa do desafio lançado e eu falei: “pô, a gente tem que chegar!”. Existe isso, porque que eu vou te falar, a mudança, o que que me levou a essa mudança depois de tanto tempo. É, eu entendia que fazer com a mão esquerda, conforme eu regia, não tinha nenhum problema. Mas o próprio maestro David Junker, ele, como eu, é um canhoto que inverteu. E ele contou a experiência dele, da inversão, usando a Matriz. Ele contou toda a trajetória dele, todo o tempo dele e parece que no mestrado ou no doutorado, enfim, já mais na frente que ele fez a inversão, deu um trabalho tremendo, mas ele conseguiu e aí isso, eu achei muito legal, muito interessante, e aceitei o desafio de trilhar esse mesmo caminho aí que ele percorreu. Por isso essa ideia de “vamos ver o que é que acontece”. Será que vai ser, será que vai ser tão fácil, possível, assim né? E ai a gente aceitou o desafio.

Pq- Mas teria uma justificativa *pra* esse desafio? Por que não continuar com a mão esquerda? Por que o desafio de mudar para a mão direita?

En- E porque não mudar, sabe? Porque não testar, porque o que eu, o que a gente tem já com esquerda a gente já tem. Já tava formado. E aí eu acho muito legal a gente ter essa mudança porque essa história desse meu desafio de mudança de mão, Thiago, ela é muito antiga, porque na minha família, boa parte da família toca

um violão, gosta de tocar violão, música, a gente faz música já a um bom tempo e quando eu comecei a estudar o meu violão, nos meus 12 anos de idade eu estudava violão e casa, meu pai sempre tocou, eu nasci em casa, tinha um violão lá né, então eu comecei tocar, tocava violão e com 12 anos de idade chegava nas festas de família, todo mundo tocando, eu tocava violão invertido, a corda do meu violão era invertida. Então eu via todo mundo tocando e eu não podia tocar. Mas eu levava sempre o meu. Até que, novamente fui desafiado por um primo: “Ah, duvido você conseguir tocar como todo mundo toca aqui, normalmente”, então “vamos ver esse negócio agora” e fiz a inversão lá no violão e até hoje, agora eu toco o violão do lado correto. Mas isso aí já é de muitos anos já. Mas é, é interessante né, a regência em si eu não pretendia mudar, não tinha essa intenção de mudança. Mas eu achei muito legal a proposta da Matriz. É, o que me levou é, a aceitar o desafio da mudança, foi a ferramenta. Vamos mudar então nessa ferramenta e testar ela para ver se dá, entendeu? Então não custa nada né, eu não tive nenhum prejuízo por isso. Conheço regentes que regem com a mão esquerda, conheci vários, fiz, e como eu era um regente com a mão esquerda, então eu procurava referências de trabalho, de canhotos e tudo mais, a gente tem referência disso, isso aí não foi um problema, mas o desafio foi muito interessante, porque ele veio acompanhado de uma ferramenta. Não foi só o desafio, né. Eu te falei aquela história do violão, né, ela é uma história de, mas a regência em si não estava tendo prejuízo, porque reger com a mão direita ou mão esquerda qualquer lugar que eu chegar eu vou reger. Agora, o desafio da mudança, ele veio com a ferramenta Matriz, entendeu? Então, eu achei interessante a Matriz e achei interessante aplicar ela.

Pq- Houve outras influencias da Matriz DJunker na sua prática como regente? Se sim, fale sobre.

En- Eu já vou te falando, meu tempo de Matriz ele é curto. Meu tempo de Matriz ele é curto. Então eu comecei a trabalhar Matriz desde o início do meu mestrado. Mas não é por ser um tempo curto que eu não tenho algo *pra* te falar a respeito disso. Embora esse tempo seja curto, eu tenho trabalhado muito com a Matriz e até tenho aplicado embora eu tivesse também uma experiência de trabalho de regência e ao longo dos anos, dentro da minha carreira, estudando com alguns professores com vários professores, tendo vários exemplos de trabalho, e uma coisa que eu levo muito a sério na regência é a técnica gestual apurada, muito apurada. Então, eu quando, como a gente falou aqui do desafio, né, da mudança, né, anteriormente, acabamos de falar, eu aceitei porque veio a ferramenta. E eu quis estudar e conhecer a ferramenta que no caso a ferramenta Matriz. E quando a gente estuda a Matriz, eu vi que ela te dá possibilidade. Te dá caminhos *pra* você apurar a técnica, *pra* você avançar naquilo que você pensa, de forma mais ampla e mais segura, ela te dá segurança, sabe, é uma ferramenta muito boa *pra* isso. Então eu comecei a fazer esse trabalho, e até tenho colocado aí como propósito, né, da minha parte de levar adiante. Então, quando eu dar aula de regência, quando eu ensino regência, agora eu falo na Matriz, porque ela tem, eu vejo a Matriz como uma ferramenta muito promissora na área da regência. E é isso que eu penso.

ENTREVISTA 4

Pq- Entrevista para pesquisa de mestrado. Felipe, fale o seu nome completo, por favor?

En- Felipe Alves Ayala.

Pq- Há quanto tempo você atua como regente?

En- Eu atuo desde os meus 17 anos, ou seja, são 10 anos. São 10 anos que iniciei no primeiro momento em regência coral e depois tive experiência na regência de orquestra e desde então tem sido meu foco, né, regência orquestral, mas não deixando de trabalhar com a regência coral também.

Pq- Descreva com quais tipos de grupo você trabalha atualmente (coro, orquestra, banda, grupos de câmara, ou outros).

En- Aqui em Brasília eu trabalho com a orquestra VGMUS, orquestra na qual eu fundei em 2012, uma orquestra que começou com sendo orquestra de câmara e pouco a pouco foi ganhando notoriedade, os músicos foram ganhando, foram crescendo o interesse para poder participar, a orquestra foi aumentando, e chegou em um ponto de a orquestra ter uma proporção de um tamanho de uma orquestra sinfônica. Então eu desenvolvo esse trabalho desde 2012 com a orquestra VGMUS, que é uma orquestra que toca trilhas sonoras, trilhas sonoras de filmes, de videogames, séries e tem esse objetivo muito forte de entretenimento e tudo mais. Agora, além desse trabalho eu atualmente faço parte de uma turma seleta de regentes é, do regente Cláudio Cruz, são alunos de regência do maestro Cláudio Cruz, num processo seletivo no qual fui submetido no ano passado, onde 7 regentes de todo o Brasil tem oportunidade de trabalhar com ele, é, aulas de regência, né, regência, técnica de regência orquestral e técnicas de ensaio e trabalhar regência propriamente junto com a orquestra sinfônica do, orquestra sinfônica jovem do estado de São Paulo. Então lá, em média de uma vez por mês, passamos uma semana inteira trabalhando com orquestra de nível profissional, é, e que a gente costuma trabalhar repertório, como por exemplo, é, sinfonias de Mahler, sinfonias de Bruckner, repertório que geralmente é bem denso, que precisa de uma orquestra bem grande, peças de Stravinsky, por exemplo, é, “petrushka”, e por aí vai. E além da área de regência orquestral também trabalho com o, trabalho a muito tempo na área de coro, atualmente eu desenvolvo o trabalho com um coral do conservatório de música e artes de Brasília, que é situado e Taguatinga, trabalho lá desde 2011, trabalho com o coro italiano da UnB, que é um coro que canta um repertório exclusivamente em italiano, repertório de apesar de ser em italiano, variado, canta desde músicas populares, folclóricas até eruditas. Lá em trabalho desde 2010, e sou assistente do coro sinfônico comunitário da UnB, que é um trabalho que é, temos a oportunidade de er grandes obras com coro e orquestra a cada semestre.

Pq- Para você, qual a importância da técnica gestual na comunicação de suas intenções musicais? Explique.

En- A técnica gestual é o único caminho de comunicação entre o maestro e os músicos, sejam cantores ou instrumentistas. O maestro que tem uma técnica muitobem clara, muito bem firmada e construída, ele consegue por exemplo, economizar hora e horas de minutos preciosos de ensaio, é, apenas com a técnica. Então eu acredito muito fortemente nisso, e acredito que a técnica gestual nada mais é que uma mímica. Nada mais é do que uma mímica, o próprio Laban defende isso, você sabe muito bem disso, que os gestos quando mais eles são correspondentes ao que o texto musical diz, né, com certeza isso fica muito mais claro na assimilação da, do que se deve fazer, na assimilação do músico, instrumentista ou cantor, na assimilação ali dos gestos que o regente tá fazendo. Então, o gesto é diretamente a comunicação mais efetiva e mais pragmática. Antes

isso que, do que o regente ter que perder tempo falando: ”-Ah, eu quero isso, quero aquilo”. Eu acho que a fala, o regente que precisa poder falar, comunicar com verbalmente o que ele precisa falar ele não é um bom regente, não é um regente preparado, não consegue fazer com que os músicos que estão sob a regência dele, né, interprete a música, uma música adequada. Tá respondido?

Pq- A Matriz Djunker contribuiu no processo de desenvolvimento da sua técnica gestual? Se sim, como?

En- Sim, contribuiu. Quando eu entrei, iniciei o processo da matriz, eu já havia estudado regência, iniciei regência quando eu tive oportunidade de cantar no movimento coral da universidade católica de Brasília e lá eu tive as minhas primeiras aulas de regência, é, até então muito insipiente, muito iniciante e depois entrei na escola de música, estudei canto e piano lá, e depois conheci a Isabella Sekeff, tive a oportunidade de também estudar de uma forma mais efetiva a regência. Isso tudo antes de entrar na UnB. Então antes de entrar na UnB já tinha alguns conhecimentos prévios de regência, já tinha algumas concepções de padrões de regência, de métrica, já construído no meu gesto. Quando eu entrei na universidade, pro curso de regência, tive, presenciei a matriz do David Junker, maestro David Junker, e eu encarei a matriz e *pra* mim serviu muito para correção de vícios, e não só correção de vícios, mas como eu ainda estava em um nível iniciante, na regência e, então serviu para a construção de padrões dos desenhos dos padrões muito claros, não apenas de compassos simples, né, como binários, ternários e quaternários, mas aí, principalmente, nos compassos de métricas compostas ou métricas, enfim, é, compostas e irregulares, por que são as duas formas acho que mais complexas e menos comuns de se reger, é, então através da matriz, com certeza, o resultado gestual ali foi de construção muito claro dos desenhos dos pontos de cada beat, de cada compasso, e isso foi como um alicerce, né, que eu desde aquela época que eu presenciei a, que eu tive contato com a matriz pela primeira vez, até então o, essa fundamentação não saiu de mim até hoje, tenho isso como base, é, desde 2009 que foi a primeira vez que eu vi essa matriz.

Pq- Há quanto tempo você estudou regência através da Matriz DJunker?

En- Estudei, como disse, estudei a matriz pela primeira vez no, na verdade não foi em 2009, foi em 2010, porque eu fiz regência 1 já era no terceiro semestre do curso, eu entrei em 2009, né, eu fiz primeiro e segundo semestre aí o terceiro semestre do curso era o primeiro semestre de 2010, aí, no primeiro semestre de 2010 que eu tive contato pela primeira vez com a matriz DJunker. No período que eu estudei com ele na regência 1, 2 e 3, ou seja, 2010 inteiro e o primeiro semestre de 2011, foi a época que eu efetivamente mais estudei a matriz, né, depois disso eu confesso que não pratiquei tanto quanto nessa época.

Pq- Legal. Você já antecipou a resposta da próxima pergunta, é, ainda nessa pergunta, isso tem mais ou menos, 2010 até 2011, então teriam 7 anos?

En- 7 anos.

Pq- Durante quanto tempo você praticou a Matriz DJunker?

En- Um ano e meio. Praticava cerca, nessa época realmente tinha uma certa disciplina e era quase que todo dia, de frente pro espelho, né, pelo menos de segunda a sexta, coisa de, ao acordar eu ia lá de frente pro espelho, realmente eu fazia isso (risos). Mas não era por muito tempo, entendeu? Eu fazia um pouquinho, fazia, sei lá, 5 minutos e pronto.

Pq- Era a proposta também.

En- Fazia isso e eu acho que isso me ajudou muito a construir essa, os pontos muito bem claros, muito bem definidos e tal, e eu pelo menos, é claro que a gente sempre

fica um pouco, fica insatisfeito, sempre tem o que melhorar, mas eu hoje não, hoje eu posso dizer assim que em relação a clareza dos padrões, dos padrões de regência dos padrões dos compassos eu, eu tenho segurança na clareza deles, entendeu? Eu falo nem tanto em relação a independência das mãos, mas pelo menos em relação aos padrões dos compassos eu tenho firmado isso desde essa época que eu comecei a estudar a matriz.

Pq- A Matriz DJunker auxiliou no processo de assimilação dos padrões de compassos? Se sim, como?

En- Sim, ajudou. Eu encaro a matriz como um exercício completamente motor. Não existe nada estético, nada emocional ou musical, nada de construção de frase eu não vejo nada disso, eu vejo como um exercício completamente motor, que você está condicionando o seu corpo a mostrar uma clareza nos padrões de compasso, nos padrões de regência. Enfim, seja não só regência, mas depois nos níveis seguintes da matriz aí entra obviamente as entradas, os cortes, as dinâmicas, os “crescendo”, os “diminuendo”, esses tipos de coisa. Mesmo com o trabalho de mão esquerda, mesmo com os “crescendo” e os “diminuendo” é um trabalho, ao meu ver estritamente racional, um trabalho motor, que você está condicionando o seu corpo a fazer aquilo, e é como quase andar de bicicleta, num primeiro momento você fica, quando você está aprendendo ali você tá pensando :”a, eu tenho que equilibrar a mão ali, o pé aqui”, mas, depois de um determinado momento você já não pensa mais, quando você está regendo um quaternário, um ternário, você nem pensa *pra* onde que tem que ir o movimento, você já automatizou o gesto. A matriz te proporciona essa automatização. Eu encaro como isso.

Pq- A Matriz DJunker contribuiu para a independência de movimentos entre as mãos direita e esquerda? Se sim, como?

En- Sim, na minha opinião sim, e vai muito da resposta, vai muito do que eu respondi anteriormente. Como eu falei, é, tem relação com a automatização dos gestos. É, e pelo fato de terem muitas mudanças de compassos, né, e, quando você entra com os exercícios de corte, e, entradas, corte e dinâmicas, é um total exercício de independência de mãos e eu acho fantástico, com certeza contribuiu.

Pq- A Matriz DJunker contribuiu para ampliar o vocabulário gestual que você utiliza para comunicar com seus grupos musicais durante a regência? Se sim, como?

En- Na minha opinião, não. É, como, até, sendo *pra* seguindo a linha que eu respondi anteriormente, em relação a pergunta 8, é, eu vejo a matriz como realmente um exercício de automatização, um exercício quase que robótico, você está condicionando os movimentos e é um tipo de exercício apesar que você pode trabalhar a matriz com dinâmica, você pode fazer gestos grandes, né, gestos menores, ou médios, você pode fazer, lógico, trabalhar andamentos também rápidos, moderados e lentos, apesar de tudo isso, não tem nada de estético nisso, e eu acho que o vocabulário gestual ele nasce a partir de associações extras musicais, quando você começa a ter um repertório gestual mais interessante, quando você quer mostrar alguma coisa, um “sotto voce”, um desenho de uma frase, você quer mostrar é quais são os pontos de apoio da frase, todos os arcos de qualquer construção musical, enfim, é, a matriz não proporciona isso. Pelo menos o que eu tive de contato com a matriz eu não vi nada que pudesse construir frases, né, construir qualquer estética musical nesse sentido. E muito disso vai até no que o próprio Laban diz que, de a associação de construção dos gestos através de fatores extramusicais, né, então eu acredito realmente nisso. Meu professor lá da, o Cláudio Cruz, também defende isso, ele fala que a “regência é uma mímica” e eu realmente estou convencido disso que o gesto ele tem que condizer ao que a música tá escrito,

né, e o que a música pede, o que a música pede esteticamente a matriz não oferece esse, as várias nuances, as várias variantes, perdão a repetição, mas a música ela é muito rica com dinâmicas e estética e esse tipo de coisa. Não sei se me fiz entender.

Pq- A Matriz DJunker auxiliou na área da concentração e manutenção do foco durante a regência? Se sim, como?

En- Sim. A matriz, como eu falei ela é um exercício que é, ele é estritamente racional, na minha opinião, e ele tem um fator que também, ele não é apenas motor, né, mas ele também é um fator, ele tem um elemento muito cerebral, né, como você, como há a possibilidade de você mudar as direções da leitura da matriz, como há enormes variações, você pode mudar os sentido e vai mudando a sequência de compassos, então torna-se ali um, há a necessidade de você pensar rápido, e tem um jogo de cintura ali de mudar o seu gesto conforme o padrão do compasso que vem logo em seguida. As vezes tem padrões de compassos que é de 5, aí você tem que saber se a forma é “A, ou é “B”, assim como os compassos de 7, e eu acho que esse tipo de trabalho cerebral ajuda demais na parte racional, de você melhorar a, fatores de lógica, você pensar mais rápido, melhora inclusive a sua leitura a primeira vista, né, a leitura a primeira vista apesar, a pessoa que presencia a matriz, e, eu falo porque eu vivenciei isso e eu vi alunos também trabalhando a matriz, eu vi que fatalmente assim a leitura a primeira vista melhora em termos fantásticos depois de disso, então, como você perguntou aqui, né, se melhora a concentração e a manutenção do foco. Eu acho que, só pelo fato de auxiliar inclusive na leitura a primeira vista eu acho que, é, em contrapartida, por tabela já mexe com essa parte de deixar (estalar de dedos) esperto com tudo, de deixar, de ter um jogo de cintura *pra* tudo, né, e te deixar concentrado, e manter o foco e por aí vai.

Pq- Segundo você então, o regente precisa é, ter esse tipo de habilidades. Ser “ligado” como você mesmo falou.

En- Com certeza. Porque o, no ensaio existe, por mais que o regente planeje um ensaio de, das mais variadas formas, por mais que ele conheça o grupo e tenha o grupo na mão, fala: “não, eu já imagino que tal naipe tem um, é defeituoso e eu provavelmente, é, estou antecipando que aquele naipe vai poder errar em tal trecho musical”. Por mais que ele antecipe todas as coisas, previamente, né, antes do ensaio começar, cada ensaio é uma coisa diferente. E acontecem coisas que, no ensaio que são imprevistas e o regente tem que ter o “start”, ele tem que tá muito ligado (estalar de dedos), porque, vão, com certeza vai aparecer coisas, vão aparecer coisas que, inesperadas, e ele precisa ter o “timing” correto de poder saber como e onde solucionar. Né, isso que faz a diferença do bom e o mau regente, né? Aliás é o ensaio que diz isso, porque muitas vezes a gente vê no concerto, ele pode tá regendo bonito e tal, pode, sei lá, mas o trabalho do regente é feito e construído no ensaio, e eu acho que esse tipo de atitude de (estalar os dedos) ter o “timing” correto, de lidar com músicos, cantores e instrumentistas no ensaio, corrigir trechos defeituosos, enfim, trabalhar a música como um todo o regente precisa ter (estalar de dedos) esse tipo de concentração e foco *pra* dominar isso.

Pq- A pratica da Matriz DJunker o ajudou a desenvolver varias “linhas de pensamento” durante a execução musical?

En- O que que você quer dizer como “linhas de pensamento”?

Pq- Linhas de pensamento é você pensar em atividades paralelas ao mesmo tempo, enquanto você, como exemplo, enquanto você está regendo, pensando ali na contagem do compasso, você tá pensando na entrada dos violinos e acompanhando o coro. São várias linhas de pensamento ao mesmo tempo. E a pergunta é se a matriz, que é uma atividade que o regente precisa estar constantemente fazendo, e

a pergunta é se a matriz DJunker o ajudou a desenvolver essas várias “linhas de pensamento” durante a execução musical.

En- Entendi. Ah, ajuda. E tem total relação com a resposta que eu dei anteriormente.

Pq- Você ainda usa a Matriz DJunker como ferramenta para o aprimoramento da técnica gestual? Em que contexto?

En- Sim. Utilizo os ciclos que a matriz propõe. É, não o faço diariamente, né, mas eu faço muitas vezes por semana o treino desses ciclos e, por exemplo, nesse mês eu estava trabalhando com a “história do soldado”, de Stravinsky, e é uma peça que, em todos os movimentos, absolutamente todos os movimentos tem muitas mudanças de compasso. Muitas mudanças de compasso, então eu não faço mais o trabalho da matriz, o trabalho dos gráficos, né, de se seguir a ordem dos números ali pré dispostos, mas agora em músicas com um repertório, por exemplo, que tem esse tipo de característica, né, uma rítmica muito forte, é, muita mudança de compasso, eu tenho o hábito de fazer isso, é, *pra*, faço o meu estudo prévio da partitura e ai antes de poder automatizar a música no meu gesto eu bato apenas os compassos no andamento que a música pede, coloco um metrônomo, né, e ai eu vou para a frente do espelho e sigo os compassos conforme o que está escrito na partitura, né. Tenho prática de fazer isso, de conhecer esse tipo de repertório que muda o compasso. É um tipo de matriz, só que, eu considero um tipo de matriz, só que direcionada e focada para o repertório, né. Porque o processo que eu faço logo depois, em vez de simplesmente bater os compassos, é, encaixar o tamanho do gesto, na dinâmica que está escrito na partitura, então seja um processo um pouco mais além do que é a matriz, porque aí eu estou lidando com a música propriamente, não um processo estritamente, é, motor, né. Mas aí eu já estou pensando musicalmente e não apenas na parte física e coordenação dos braços.

Pq- Houve outras influencias da Matriz DJunker na sua prática como regente? Se sim, fale sobre.

En- Acho que nada muito diferente do que foi falado durante toda a entrevista, e talvez uma única palavra que eu não tenha citado é a segurança. O estudo da matriz gera uma segurança do regente tremenda, em poder comunicar em qualquer grupo musical, seja instrumental ou vocal, porque...

Pq- Uma segurança em se comunicar?

En- Uma segurança em se comunicar, corretamente. Uma segurança, muitas vezes a gente não consegue se preparar musicalmente, não consegue preparar uma partitura adequadamente, mas é impressionante o quanto a matriz consegue preparar motoramente e fisicamente o regente *pra* quando ele, é, tem ali uma partitura que as vezes ele não tá, não está bem estudada, faz que com que, por causa do estudo que foi realizado previamente, ele domine os gestos e consiga passar uma clareza e uma segurança, por mais que ele não conheça tanto a música dessa forma, eu não defendo isso, lógico, mas existem situações, rola um convite em cima da hora, você tem que a, tão precisando, você precisa substituir um maestro, em um concerto de depois de amanhã, você não está tão bem preparado, mas você leva a partitura *pra* ensaiar o grupo, né, e você precisa, pelo menos, precisa realizar o trabalho, precisa fazer, no mínimo, bater os padrões corretos, né, conforme toda a construção gestual que a matriz propõe, né, e, então esse fator da segurança gestual é algo que eu acho que é bom citar. No mais, tudo foi falado, na minha opinião.

ENTREVISTA 5

Pq- Entrevista para pesquisa de mestrado com Priscila Bispo. Priscila, fale seu nome completo, por favor?

En- Meu nome é Priscila Martins Bispo.

Pq- Há quanto tempo você atua como regente?

En- Olha, como regente eu atuo há 20 anos, como regente profissional, desde que eu me formei, há 11 anos.

Pq- Descreva com quais tipos de grupo você trabalha atualmente (coro, orquestra, banda, grupos de câmara, ou outros).

En- É, como regente eu tenho trabalhado com coros, né, coros de empresa e órgãos públicos, é, também atuo como cantora, como professora de canto também de matérias teóricas.

Pq- Quais corais você rege?

En- Eu rejo atualmente o coral do SICOB, que é uma empresa privada, e o coral do Habeas Cantus, que é um, é um coro independente/órgão público, né, ele tem uma ligação com o judiciário.

Pq- Coro Habeas Corpus.

En- Cantus. Habeas Cantus. (risos)

Pq- Para você, qual a importância da técnica gestual na comunicação de suas intenções musicais? Explique.

En- Eu acho que é fundamental pro regente saber utilizar a técnica gestual *pra* estabelecer a comunicação. Ainda que isso não seja fácil e não seja a única forma, né, o regente pode usar outras, a gente usa a voz, a gente usa a comunicação verbal também, e muito no meu caso pelo menos, *pra* estabelecer a comunicação com o grupo, com o coral, com a orquestra. Mas o gestual ele é, ele é a atividade final, né, então é muito importante.

Pq- A Matriz Djunker contribuiu no processo de desenvolvimento da sua técnica gestual? Se sim, como?

En- Sim. A matriz DJunker ela, ela é um como uma metodologia, né, de prática de um instrumento. No caso a gente tá domesticando ali as mãos, os braços, o corpo, a postura *pra* realização da regência. Então a matriz ajuda muito porque a gente precisa praticar, então é uma forma de praticar é, padrões entradas e todos esses elementos musicais que aparecem especificamente no metiê que o maestro tem que ter. Então ela ajuda bastante e foi um elemento que foi difícil de estudar na faculdade, mas foi bom, ajudou bastante sim.

Pq- Acho que *pra* todos, né?

En- É. (risos)

Pq- Há quanto tempo você estudou regência através da Matriz DJunker?

En- É, eu estudei..

Pq- Há quanto tempo?

En- Eu tenho 11 anos que eu me formei (risos), então já tem por ai, uns 15 anos já que eu estudei mais especificamente a matriz, de treinar durante o período do curso de regência na universidade.

Pq- Durante quanto tempo você praticou a Matriz DJunker?

En- É, foi ali no período mesmo de 4 anos, né, de, de curso de regência e mais o tempo que eu estudei com o professor David Junker mesmo. Então talvez senado 2 a 4 anos.

Pq- A Matriz DJunker contribuiu para a independência de movimentos entre as mãos direita e esquerda? Se sim, como?

En- Sim, ajuda. Ajuda bastante porque é o foco do método, o método é deixar a suas mãos independentes, é você ter consciência do que cada mão está fazendo, então ajuda bastante, o método é para isso. É um método de técnica, técnica gestual, então ele ajuda nessa independência sim, e aliás é um dos focos do maestro com a matriz é justamente que a gente tenha essa independência entre as mãos, mão direita marcando o padrão, mão esquerda dando as entradas, eventualmente trocando, mas eu acho que, pelo menos na minha formação, o treino da matriz ajudou sim.

Pq- Você conseguiria lembrar alguma coisa assim relacionada como isso aconteceu? Essa ajuda, a pergunta é como a matriz ajudou na sua formação. Se você lembrar de alguma coisa relacionada a isso, em determinada atividade, enfim, aí é você que diz.

En- Eu acho assim, acho que todo regente, por exemplo, eu já regia, né, antes de entrar no curso. Mas eu regia, por exemplo, uma regência padrão, espelhada, por exemplo, né. A matriz, o professor David Junker, me apresentaram essa regência não espelhada, essa regência baseada na independência das mãos. Mas isso não entra de probos, você precisa praticar, você precisa treinar, então a matriz é esse material de treino. Assim como você vai estudar um método de piano, em que você passa um tempo estudando a mão direita, outro tempo estudando a mão esquerda e vai praticando ali, é, e a prática nas músicas também é que faz com que você consiga começar a pensar nessa independência das mãos.

Pq- A Matriz DJunker contribuiu para ampliar o vocabulário gestual que você utiliza para comunicar com seus grupos musicais durante a regência? Se sim, como?

En- Eu já acho que nesse sentido não tanto. Porque a matriz é um método, não é um método de expandir seu gestual. Pelo contrário, ele é um método de, é, colocar seu gestual numa caixa. Vamos padronizar o que você faz, enquanto regente. Então como método de padrão, ele não expande tanto, pelo contrário, ele diz, onde é o ictus, quais são os padrões que você vai fazer, os compassos que você vai fazer, você sempre vai fazer nesse espaço, nesse lugar, o ictus tá sempre aqui, a entrada, né, você precisa fazer aqui, então na verdade ela é um elemento de mais de restrição do que de ampliação de gesto, né. Eu acho que depois de um tempo é que, tanto que a gente não vê a matriz, por exemplo, em um curso inteiro de regência, né, muda de professor e tal, e vem outras metodologias, mas, e aí sim você expande sua comunicação, seu gesto, você vê que não está preso a aquilo aí, aquilo ali foi uma metodologia *pra* correção de vícios, *pra* você internalizar os padrões, não errar mais padrão, não errar entrada, não errar corte, essas coisas que são básicas. Mas eu não acho que ele expanda não. Pelo contrário, acho que ela é limitadora.

Pq- A prática da Matriz DJunker ajudou a tornar mais claro a comunicação gestual de suas intenções musicais como interprete? Se sim, como?

En- Olha, essa é uma pergunta já que eu acho mais difícil de responder. A princípio eu diria que não, mas é claro que se essa é uma técnica que a gente estuda como base do início do curso de regência, ela vai ter influências, vai ter reverberações é, nas outras questões como interpretação e como a comunicação com o coral, para que a gente atinja a sonoridade que a gente quer. E é claro que ela vem como um desses recursos, né, mas muito especificamente não, até porque quando a gente vai

começar a trabalhar com interpretação e uma série de coisas a gente sai um pouco dessa rigidez que é o método. Mas é claro que o método auxilia você a ter controle, porque você volta, você sai do padrão, mas você volta. Você não precisa ficar necessariamente ficando dando entrada o tempo todo, mas em certos momentos você precisa e o treino ficou lá, internalizou.

Pq- A Matriz DJunker auxiliou na área da concentração e manutenção do foco durante a regência? Se sim, como?

En- Demais. Isso aí eu acho que é o foco da matriz é isso, né, é o foco técnico, é você estar concentrado nas ocorrências musicais, né, o maestro inclusive fala isso na aula, você precisa estar preparado pro que vai acontecer na música, você vai ler uma grade, você tem que estar preparado para o que vai acontecer, você está regendo um coro, você tem que estar preparado para o que vai acontecer, é, então eu acho que, e o treino da matriz exige muita concentração, aquele padrão que vai vir agora, eu tô no sete, mas que sete eu estou agora? Né, entrada, tô fazendo corte, mas que corte eu já dei?

Pq- Nossa, você lembra do sete!

En- Lembro! Lembro do sete, lembro do oito... participei da filmagem. Viu professor se você for ouvir essa gravação! (risos). Participei da filmagem, do livro. Fazendo o padrão do oito. Foi até um padrão fácil! (risos). Então essa, esse preparo de concentração é fundamental e isso fica realmente na vida do regente.

Pq- Auxiliou.

En- Sim, auxiliou mesmo.

Pq- A prática da Matriz DJunker o ajudou a desenvolver várias “linhas de pensamento” durante a execução musical?

En- É, sim, sim. Ajuda. Até porque existe essa concentração e você tem que pensar essas várias coisas que vão acontecer, então essa consciência neuro-motora ela trabalha muito fortemente essa consciência. Então sem dúvida o foco dela é esse. Claro que existem outras formas, outros métodos, outras exigências, né, mas eu acho que ela prepara *pra* complexidade dessas linhas de pensamento que o maestro tem que ter que não se resume somente a entradas e cortes, mas a questões interpretativas, a análise da peça, ao que você que fazer com aquela obra, a sonoridade que você quer tirar do grupo, enfim.

Pq- Você ainda usa a Matriz DJunker como ferramenta para o aprimoramento da técnica gestual? Em que contexto?

En- Sistemáticamente não. O contexto em que eu uso é que eu gosto de esporadicamente, de vez em quando, voltar aos estudos, eu sai da vida acadêmica, não estou assim, fazendo mestrado, doutorado, nada disso, mas eu gosto de voltar a estudar algumas coisas e eu volto a algumas leituras, volto a leitura da matriz e é um bom exercício técnico, mas é algo muito esporádico, né, até porque depois da universidade eu quis fazer outros cursos com outros maestros, outras escolas, escola alemã que é bem diferente, o ictus é em outro lugar, os padrões ficam muito diferentes, então não volto sistemáticamente a matriz. Mas eu volto as disciplinas e a conteúdos estudados durante o período da graduação.

Pq- Houve outras influências da Matriz DJunker na sua prática como regente? Se sim, fale sobre.

En- Eu acho que a relação ela é bem técnica mesmo. Eu analiso a matriz como uma metodologia mesmo, como técnico acho que é uma forma de se trabalhar, é, o aspecto técnico gestual mesmo. Acho ela muito, um treino muito focado, muito pragmático, tem um elemento bem dessa escola mais americana mesmo, deles terem que ter método *pra* tudo e uma receita, você tem que ter uma receita *pra* fazer

o negócio funcionar, então ela vem para mim muito claramente dessa escola, então é e foi muito importante *pra* mim isso, a gente pensa que outras escolas vão ter isso, e elas tem de forma diferente, talvez não tenham um método como a matriz, mas tem outros métodos e outras formas de se treinar. A matriz é uma forma, né, é uma receita *pra* você trabalhar muito essencialmente a técnica gestual e essa coordenação e esse trabalho neuro-motor mesmo né, porque você tem que pensar em como reagir, mas é uma coisa muito reativa, né, bem reativa, então *pra* mim e um aspecto mais técnico mesmo. Chega um momento que você precisa realmente pensar em outras coisas além da matriz, como em qualquer outro método, metodologia de piano, de violão, de canto.

Pq- Não se resume a isso.

En- Não se resume a isso. Ele tem o seu papel. Um papel essencialmente técnico.

ENTREVISTA 6

Pq- Entrevista para pesquisa de mestrado com Kleber. Você pode falar o seu nome completo, por favor?

En- Kleber Cesar Carvalho dos Santos.

Pq- Há quanto tempo você atua como regente?

En- Olha, eu atuo desde os 15 anos de idade, então são 27 anos, mas, depois da universidade, desde 2011, então são 7 anos.

Pq- Descreva com quais tipos de grupo você trabalha atualmente (coro, orquestra, banda, grupos de câmara, ou outros).

En- Atualmente, eu tenho 3 corais, um madrigal, que é o Madrigal Kuros, que é um projeto que nasceu inclusive como um laboratório para regentes testarem seus arranjos e a própria técnica gestual e já estamos há 4 anos neste grupo, estou com o Coral Adorai há 6 anos, que é um coral da 1ª Igreja Presbiteriana Independente, e acabo de assumir o Coral dos Servidores do Estado de Goiás, da Regional do Novo Gama, que é um coro que está começando. Este é um projeto que a regional aprovou junto à Ciranda da Arte e eu fui escolhido como regente para conduzir este projeto. Ah, sim, eu atuo também como diretor pedagógico da Kuros, que é a nossa escola de música, onde temos hoje cerca de 120 alunos de instrumentos variados, mas o enfoque principal é o canto, pois dos 120 alunos, em torno de 70 são alunos de canto. A gente trabalha também com grupos, desde grupos de adolescentes, infanto-juvenil e até grupos de adultos. Não só madrigais, corais, mas também equipes de louvor nas igrejas, onde eu oriento os professores e eles fazem o trabalho.

Pq- Para você, qual a importância da técnica gestual na comunicação de suas intenções musicais? Explique.

En- Olha, como regente eu defendo que a responsabilidade pela produção do som está mais a cargo do regente. Eu sei que tem alguns regentes que defendem que o que está escrito é o que tem que acontecer, mas eu defendo que o regente pode manipular essas intenções musicais que estão escritas. Conseqüentemente, a técnica gestual, para mim, é o ponto fundamental nessa comunicação, porque eu posso mexer texturas, dinâmica, intensidade e vários outros elementos musicais podem ser alterados através da técnica gestual. Trabalho os meus coros inclusive

para que eles foquem nisto, entendam isto, e se libertem da questão do texto, de forma que eles possam me olhar e conseguir entender essas intenções.

Pq- A Matriz Djunker contribuiu no processo de desenvolvimento da sua técnica gestual? Se sim, como?

En- Cara, bastante, devido a algumas questões que foram fundamentais. Primeiro, a minha técnica gestual era baseada em experiências, ela era empírica, então, ela não tinha uma formatação. Era muito de olhei o regente tal, gostei, entendi o que ele quis com aquela técnica gestual e incorporei aquilo. O que aconteceu, eu tinha uma técnica que era extremamente solta, eu não tinha o controle sobre o meu corpo e sobre a minha técnica gestual. Então, às vezes, ela era contida demais, mas, na maioria das vezes, ela era espalhafatosa demais. Hoje, através da matriz, inclusive, eu consegui dosar aquilo, porque eu consegui disciplinar as minhas mãos, conseqüentemente, até o corpo, para fazer de forma voluntária, porque alguns de meus movimentos eram involuntários. E aí, quando eu comecei a trabalhar com a matriz, eu fui tomando consciência dos meus movimentos e aprendendo a dosá-los de acordo com as minhas intenções. Conseqüentemente, eu melhorei o meu foco e nos corais que eu regia também consegui mudar as minhas intenções e a realização musical se tornou mais completa. Interessante, até, que em uma das experiências que eu tive foi que, quando eu comecei a estudar a matriz, eu estava regendo uma orquestra infanto-juvenil e participei de um casamento com essa orquestra, levei 22 músicos para o casamento e, inclusive, alguns músicos convidados. Quando eu terminei o casamento, alguns músicos vieram me perguntar o que tinha acontecido, porque a minha regência estava muito mais clara para eles, as minhas intenções estavam muito claras para eles. Isto foi logo no começo, eu tinha uns 2 meses praticando a matriz

Pq- Há quanto tempo você estudou regência através da matriz DJunker?

En- De 2012 até 2014 eu estudei regência através da matriz, tem 4 anos que eu estudei.

Pq- Durante quanto tempo você praticou a Matriz DJunker?

En- Quase 3 anos. Eu era muito disciplinado nessa questão. O que aconteceu, quando eu completei o meu primeiro semestre na matriz, o maestro David falou para mim: “você avançou muito na técnica gestual, mas ainda tem muitas coisas que você precisa disciplinar”. E, aí, eu perguntei para ele como eu faria para me disciplinar. Ele falou: “olha, um ano sem reger sem batuta. Durante um ano, toda a regência que você fizer, faça com batuta e estude a matriz periodicamente”. Eu estudava realmente periodicamente. Tive, até, um prejuízo no meu estudo de instrumento porque eu parei tudo para estudar a matriz. Então, eu estudava a matriz, no mínimo, uma hora todos os dias. Fui muito disciplinado neste ponto, certo? Estudei durante um ano. Eu já tinha estudado por seis meses e passei mais um ano estudando direto, de forma muito disciplinada. E aí, um ano depois, em uma das aulas, quando ele repassou a matriz e trabalhou a regência de alguns concertos, inclusive a sinfonia 41 de Mozart, a minha regência estava totalmente transformada, extremamente disciplinada. Ele falou que o esforço que eu tinha feito tinha colocado a minha regência no prumo que ele traçou para a matriz, que talvez não seja o ideal para alguns regentes, mas para o que ele idealizou para a matriz, eu tinha conseguido alcançar o objetivo. Isso foi muito legal para mim.

Pq- A matriz DJunker contribuiu para a independência de movimentos entre as mãos direita e esquerda? Se sim, como?

En- Com certeza! Porque a minha regência era espelhada, então, o que eu fazia com a direita eu fazia com a esquerda. Sempre foi espelhada e, os maestros com que estudei, todos faziam regência espelhada. E, aí, eu consegui desvincular totalmente o movimento da esquerda. Hoje, quando eu uso ela espelhada, eu uso propositamente, não é mais algo involuntário. Eu sei exatamente o que eu quero e qual a intenção ao usar a regência espelhada, mas normalmente eu não uso, eu consigo trabalhar com a minha mão esquerda trabalhando dinâmica, enquanto a minha mão direita está fazendo contagem de compasso ou arrumando outras coisas, até para variar elementos dentro da própria regência, fazendo a variação de elementos entre a mão esquerda e a mão direita, mesmo quando não estou contando compasso. A matriz contribui bastante. A matriz me ajudou devido ao ciclo de entrada. A matriz segurou a minha mão esquerda. Então, aquela tendência que eu tinha de espelhar, a partir do momento que eu comecei a usar a matriz, eu parei de espelhar. Isso foi muito bom para mim, porque era um vício, um maneirismo, a questão do espelhar e, de imediato, o primeiro efeito foi eu desvincular o meu movimento de mão direita do meu movimento de mão esquerda.

Pq- A matriz DJunker auxiliou no processo de assimilação dos padrões de compasso? Se sim, como?

En- Sim, também. Primeiro, assim, eu tinha muita dificuldade com a questão geral de compasso. Lembro, inclusive, no meu vestibular, quando eu fui fazer o vestibular da divisão rítmica, por coincidência, o maestro David estava na minha banca, a prova de habilidade específica para entrar na universidade, prova de leitura rítmica, e, aí, o meu medo era que se caísse 6 por 8 eu me ferrei. E aí eu fiz a prova de solfejo, fui muito bem. E, quando foi na hora de fazer rítmica, como eu tinha ido muito bem no solfejo, os professores falaram assim: “esse aí você pode fazer livre”. Então eu entendi que eu poderia fazer formatando do jeito que eu entendesse que era aquele compasso e eu não sabia contar o 6 por 8 a 2, eu fazia a contagem de 6 mesmo, só que era um 6 que nem era um 6 por 4, era um 3 por 4, era um 6 dividido em 3 por 4, que é algo totalmente errado. E aí falei: “beleza!”. Eu fiz a prova assim. Quando eu fui para a regência e comecei a trabalhar com a matriz, as várias formas de compasso e a forma como eu conduzo cada compasso eu resolvi na matriz. Não só o 6 por 8, os compassos a 5, se ele é 2-3, ou 3-2, os compassos a 7, nos três padrões. Então, hoje, para eu ouvir, não necessariamente na regência, quando eu pego uma música a 5 para trabalhar, seja com meu aluno, seja com um coralista, seja um professor que vem tirar uma dúvida, seja na produção que perguntar essa música está a 5, essa música está a 7, eu tenho a facilidade de entender qual é o padrão de acentuação daquele 5, daquele 7, para, inclusive, podermos fazer o encaixe de outros instrumentos, quando a gente está fazendo a produção. Isto foi estudando a matriz que eu consegui.

Pq- A matriz DJunker contribuiu para ampliar o vocabulário gestual que você utiliza para se comunicar com os seus grupos musicais durante a regência? Se sim, como?

En- Ela contribuiu para eu conseguir absorver a mudança dos gestos, porque, na matriz mesmo, você não estuda muito uma mudança de gesto no que diz respeito à lógica, diz respeito à dinâmica. Você estuda mais a questão da padronização, pelo menos, foi assim comigo. Eu não sei se, em um trabalho mais profundo com a matriz, se nós chegaremos neste ponto. Só que, como você adquire uma independência, qualquer elemento novo que você queira incorporar à regência, ele fica fácil de ser incorporado, porque você tem coordenação motora para o incorporar. Então, eu mesmo desenvolvi os meus estudos, através da matriz, para tirar as minhas intenções, porque, no estudo da matriz, uma das poucas coisas que

vimos com relação à dinâmica, foi a questão de fazer o crescendo com a mão esquerda, enquanto a direita está marcando o pulso e o crescendo e o decrescendo, foi uma das poucas coisas que nós vimos. Só que, hoje, eu consigo fazer qualquer expressão e não perder o pulso. Uma outra coisa que eu consigo, que eu consegui através da matriz, foi tirar a mão direita da marcação de pulso, para não ficar aquela regência quadrada, só contar compasso para coralista que sabe ler e cantar e músico. Eu tinha dificuldade de saber onde eu voltava, em qual ponto do pulso eu estava, qual ponto do compasso eu estava, se estava no tempo 2, no tempo 3 ou no tempo 5, eu não sabia. Hoje não, hoje eu posso parar de marcar com a mão os compassos, fazer toda a movimentação gestual que eu preciso fazer e voltar exatamente no tempo do compasso que a música está pedindo, isto eu não conseguia fazer.

Pq- A prática da Matriz DJunker ajudou a tornar mais clara a comunicação gestual de suas intenções musicais como interprete? Se sim, como?

En- Também. Como eu falei, os meus gestos eram indefinidos por eu ver tantos regentes, como a definição de que o gesto x ter sempre aquela intenção. Então o meu grupo não sabia o que eu queria dizer. Às vezes, eu tinha um gesto, que em determinada música queria dizer uma determinada coisa, e, em outra música, queria dizer outra determinada coisa. Através da matriz eu comecei a padronizar o meu gestual e, aí, conseqüentemente, hoje, quem canta ou toca comigo sabe exatamente qual é a minha intenção quando eu faço um determinado gesto. Às vezes, não é necessário nem explicar quando eu pego um grupo novo, porque ficou muito claro para eles aquilo que estou querendo.

Pq- A matriz DJunker auxiliou na área de concentração e manutenção do foco durante a regência? Se sim, como?

En- Com certeza. Essa questão, até que eu falei do pulso, de saber em qual tempo do compasso em que estou, está ligado muito a esta questão do foco. Eu trabalhei a matriz porque eu me disciplinei no seguinte: se o professor falasse para mim assim, faça a matriz e enquanto você faz a matriz você planta bananeira, eu ia chegar em casa exatamente ia plantar bananeira e fazer a matriz. Então, eu fazia tudo o que ele dizia na época. Ele falava assim: coloca uma música e vai estudar matriz e consiga separar aquilo que você está ouvindo do que você está fazendo e eu conseguia. Eu tinha uma dificuldade muito grande com o barulho na hora da apresentação. Muitas coisas me desconcentravam. Uma baqueta que caísse, me desconcentrava. O choro de uma criança me desconcentrava. E, quando a gente fala de música, principalmente quando você faz música para leigos, você está sujeito a ter uma quantidade muito grande na hora do concerto. É diferente de um público um pouco mais entendido de música e que sabe que, em um concerto, você precisa se manter em silêncio. Então, eu tinha muita dificuldade. Hoje, eu e a música entramos quase que em um mundo paralelo e eu consigo manter o foco ali. Mesmo se acontecer alguma coisa que me tire a atenção, eu consigo retornar depois, porque eu me acostumei a estudar a matriz com outras coisas acontecendo à minha volta.

Pq- A prática da Matriz DJunker o ajudou a desenvolver várias “linhas de pensamento” durante a execução musical?

En- Ajudou, mas sim, o que acabou contribuindo foi que eu estudei a matriz em um momento em que eu estava também ampliando o meu conhecimento de regência orquestral. Então eu acho que juntou as duas coisas. Não poderia dizer que foi só a matriz. A interpretação da grade. A marcação de entradas, principalmente, nas grades orquestrais, acabou me ajudando. Eu usei a matriz como um suporte de foco e de concentração, mas não necessariamente eu utilizei a matriz para desenvolver

essas linhas de pensamento. Ela era o meu aporte. Ela me apoiava quando eu precisava pensar nisto. Então, eu pegava uma grade e eu pensava essa grade como vários blocos da matriz. Nós que estudamos a matriz sabemos que a matriz ciclos de entrada, em qual ponto em que você vai dar as entradas. Eu pegava a minha grade e usava basicamente como se eu estivesse construindo uma matriz.

Pq- Você ainda usa a matriz DJunker como ferramenta para o aprimoramento da técnica gestual? Se sim em que contexto?

En- Volta e meia eu volto a estudar mesmo, quando eu sinto que a minha técnica gestual está perdendo um pouquinho de sentido. Tem essa coisa da disciplina, porque a minha regência deixou de ser intuitiva demais e passou a ser um pouquinho mais pragmática. Aquele gesto para alcançar aquele determinado resultado. E quando eu sinto que eu estou perdendo isto, aí eu volto para a matriz. Tem dois ou três dias que eu estava olhando a matriz. Outra coisa, quando eu tenho que trabalhar padrões com os alunos, normalmente a minha referência ainda é a matriz. Com alunos iniciantes de solfejo, o que vem à minha mente, a forma mais clara para explicar aquilo ali é pensando nos padrões da matriz.

Pq- Houve outras influências da Matriz DJunker na sua prática como regente? Se sim, fale sobre.

En- Olha, tem algumas coisas que a matriz abriu a minha mente de forma musical. Por exemplo, eu pensava compassos trinários, setinários, esses compassos ímpares, eu pensava eles sempre de uma forma igual, tipo, 1,2,3, 4, 5, 6,7. O estudo da matriz abriu a minha mente para interpretar esses padrões dentro da música por pessoas diferentes. É diferente você pensar 3-4 de pensar 4-3. Você pensar 2-2-3, ou você pensar 2-3-2, soa diferente na música. Então a interpretação da música mudou. Uma outra coisa que eu tinha muita dificuldade era a questão do foco. Esse foco não se tornou não só um foco na regência, eu consegui ter um foco no meu processo de trabalho, tipo, se eu tenho disciplina para ficar uma hora parado pensando na matriz, dando as entradas na hora certa, na sequência certa, é impossível que eu não consiga fazer isto em outras áreas da música. Então, por exemplo, eu tenho uma disciplina hoje de sentar de frente do instrumento para estudar mecânica. Eu tenho uma disciplina hoje de leitura de partitura. A antecipação e a, não sei como eu colocaria isto, é você estar lendo aqui pensando lá na frente. Que não seria bem uma antecipação, mas uma projeção do que você vai fazer lá na frente. Até como acântor, hoje, eu já tenho esta facilidade. Então, a minha leitura, à primeira vista, melhorou demais por causa dessa capacidade que a matriz te dá de antecipação, porque na realidade, a matriz é uma antecipação. Ela é para que o seu movimento fique tão fluido que você consiga antecipar e fazer de forma natural, porque a antecipação vem aqui na mente e não pega no gestual, não te pega no susto. Na minha leitura à primeira vista de partitura ajudou demais, porque eu uso o mesmo processo mental.